

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

47

JUNHO 2015
www.candido.bpp.pr.gov.br

Leo Gibran



Os renovadores

Marcos do conto brasileiro, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca chegam aos 90 anos produzindo ficção de qualidade após mais de meio século de vida literária



EDITORIAL

Dalton Trevisan e Rubem Fonseca, dois dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, acabam de completar 90 anos. Juntos, têm mais de 100 anos de vida literária e ainda seguem em plena atividade — Trevisan lançou *O beijo na nuca*, seu mais recente livro, em 2014; Fonseca acaba de ganhar um prêmio da Academia Brasileira de Letras por *Histórias curtas*, coletânea lançada há menos de um mês.

É sobre essas duas trajetórias, que mudaram os rumos da literatura brasileira, que trata grande parte da edição 47 do **Cândido**. Especialistas, críticos e acadêmicos falam sobre como o mineiro (radicado do no Rio de Janeiro) Rubem Fonseca e o paranaense Dalton Trevisan deram novo caráter à breve narrativa a partir do começo dos anos 1960, quando fizeram suas estreias.

Com grandes livros, os dois autores revolucionaram o conto brasileiro ao perceber as transformações que o país sofria com a urbanização das cidades. Atrelado a essa percepção, a literatura dos dois contistas trazia inovações estilísticas até então inéditas em nossa prosa.

Além de uma grande reportagem sobre o impacto do surgimento dos autores na literatura nacional, a edição traz uma seleção de livros de Trevisan e Fonseca comentada por outros escritores, de várias gerações. Deonísio da Silva, que há décadas estuda a literatura dos dois contistas, concede entrevista sobre as semelhanças e diferenças das obras dos mestres da ficção.

A edição ainda traz texto em que a editora Vanessa Ferrari trata da experiência que teve como mediadora de leitura em um presídio paulista. O escritor maringense Marcos Peres, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2014, conta como surgiu seu romance *Em busca de Juliana Klein*, inspirado nas viagens que o autor fez para Curitiba e que será publicado em julho pela editora Record.

Boa Leitura

CARTUM Cesar Marchesini



BIBLIOTECA AFETIVA



Divulgação

Rubem Fonseca é um autor humanista e ao mesmo tempo cáustico. Sua linguagem seca é moderna porque transgride e revoluciona. Quando li *Bufo & Spallanzani*, que muito tempo depois adaptei para o cinema com a parceria do próprio Rubem, me senti representado na literatura brasileira. Estava lendo um romance extremamente moderno e universal, mas impregnado de Brasil. E, como pessoa, Rubem é afetivo e absolutamente generoso.

Flávio Tambellini cineasta, produtor e roteirista.



Divulgação

Conheci o livro *Ela e outras mulheres* do Rubem Fonseca faz uns quatro anos. Até então só conhecia suas narrativas com protagonistas masculinos. Neste livro, o autor reúne uma série de 27 contos enxutos e diretos, cujo título é o nome das personagens principais de cada história. São textos carregados de vingança e crueldade. Mostra o lado mais obscuro do universo feminino, cheio de deformidades de caráter.

Ana Paula Maia é autora dos romances *O habitante das falhas subterrâneas* (2003) e *De gados e homens*.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna
Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Robinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Luças de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Álvaro Costa e Silva, Ana Paula Maia, Aginaldo Severino, Berta Waldman, Bernardo Carvalho, Bianca Franco, Carlos Henrique Schroeder, Cesar Marchesini, Douglas Diegues, Guido Viaro, Leo Gibran, Luiz Antonio de Assis Brasil, Marcos Peres, Mariana Sanchez, Marília Costa, Marluce Reque, Marcelo Elias, Richard Bishop e Vanessa Ferrari.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



O tradutor de Nenpuku

O poeta Maurício Arruda Mendonça avisa que no volume 1 da antologia *101 poetas paranaenses*, publicada pelo selo Biblioteca Paraná em 2014, não há infor-

mação em relação à tradução dos poemas do japonês Nenpuku Sato. O tradutor é o próprio Mendonça, que também foi incluído, como poeta, no volume 2 da coletânea.

Associação de Amigos tem nova presidente

Kraw Penas



A chefe da divisão de extensão da Biblioteca Pública do Paraná, Marta Sienna (foto), é a nova presidente da Associação dos Amigos da BPP. A eleição e posse da nova diretoria e do conselho fiscal e administrativo da AABIPPAR aconteceram no dia 20 de maio, no auditório Paul Garfunkel, no segundo andar da BPP. Criada há 10 anos, a AABI-PPAR desenvolve uma série de projetos em benefício da Biblioteca — como a pintura externa do prédio, compra de livros para o acervo e a implantação da Biblioteca Mário Lobo, em Paranaguá.

Periscópio

A partir de 12 de julho, o fotógrafo **Daniel Castellano** expõe, no Hall Térreo da Biblioteca Pública do Paraná, seu mais recente trabalho, chamado **Periscópio**. Na série de imagens, que faz referência ao

aparelho óptico que permite ver por cima de obstáculos, Castellano revela imagens de Curitiba por ângulos inusitados, tiradas de cima de terraços, telhados e janelas de prédios do centro da cidade.

Daniel Castellano



Três décadas de OSP

Kraw Penas



A Orquestra Sinfônica do Paraná (OSP) completa 30 anos de atividades com mais de 1.200 apresentações em diversos Estados brasileiros. Desde 28 de maio de 1985, quando surgiu, na gestão do governador José Richa, a OSP vem conquistando reputação pelo fato de apresentar repertório variado, do barroco ao contemporâneo, a partir da performance de talentosos músicos e da presença de maestros renovados, como Alceo Bocchino, Osvaldo Colarusso, Roberto

Duarte, Jamil Maluf e Alessandro Sanguigni. Também dividiram o palco com a OSP alguns solistas de renome como Nelson Freire, Arthur Moreira Lima, Arnaldo Cohen, Turíbio Santos, entre outros. Recentemente, para celebrar as três décadas de existência, a OSP realizou dois concertos, ambos sob a regência do maestro José Maria Florêncio, com a participação do oboísta Alex Klein, no Teatro Guaíra, sede da orquestra, que também participa de montagens do Balé Teatro Guaíra.

Surrealismo latino-americano no Museu Oscar Niemeyer

Desde 2 de junho, está em cartaz na Sala 1 do Museu Oscar Niemeyer (R. Marechal Hermes, 999/ Curitiba-PR), a exposição “Wifredo Lam — O espírito da criação”, com curadoria de Roberto Cobas. Wifredo

Lam (1902-1982) é considerado o expoente mais representativo do surrealismo latino-americano. A mostra, com 80 pinturas e gravuras do artista cubano, permanece no espaço até 13 de setembro.

Ilustração: **Marluce Reque**

Os livros que as presas leem

A editora **Vanessa Ferrari** escreve sobre a experiência que teve como mediadora de um clube de leitura em uma penitenciária paulista

Enquanto o quarteto de cordas da Academia de Música da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) passava o som, cinco presas jogavam vôlei no pátio do pavilhão 2. Do auditório improvisado para receber os músicos, uma pianista e um coral de 20 pessoas, era possível ver através da janela as mulheres jogando a bola de um lado para o outro, em uma partida sem muito ritmo e desfalcada de integrantes. Fora da quadra, em um canto do pátio, uma garota penteava o cabelo recém-lavado e, de vez em quando, para obter o caimento desejado, com um movimento brusco inclinava a cabeça para baixo, de modo que o cabelo quase tocava o chão, para depois, na volta igualmente brusca da cabeça, acomodá-lo nas costas. Se elas ouviam a música, é difícil saber. Não havia ali um único olhar em direção ao salão,

um cochicho, nenhum gesto indicando que algo fora da rotina da penitenciária estava prestes a acontecer. Mesmo quando as cordas reverberavam com força, as presas seguiam concentradas em seus passatempos.

Nos dias que antecederam a apresentação, um grupo delas se encarregou de deixar tudo em ordem. As cadeiras e o auditório foram limpos e enfeitados, boa parte das goteiras reparada. Uma parede de cimento foi erguida a toque de caixa, criando uma antessala ao lado do palco que serviu de camarim. Essas jovens faziam parte de um grupo de 30 pessoas que participavam de clubes de leitura na penitenciária. Elas, as demais integrantes desse clube e todas as presas que estudavam tinham lugar garantido no concerto da Academia da Osesp. As vagas



remanescentes foram reservadas às internas que trabalhavam. Ao todo, 200 presas assistiriam à apresentação.

Entre coral, músicos, equipe técnica, mediadores de leituras e convidados, havia quase 40 pessoas. Para garantir a entrada dos visitantes, a direção da Penitenciária Feminina de Sant'Anna organizou um esquema especial de segurança. O caminhão com as caixas dos equipamentos passaria por revista, os instrumentos seriam vistoriados e uma lista com o nome dos convidados seria conferida na portaria. Era preciso também adaptar a escala de almoço dos agentes de segurança à chegada dos músicos, que estariam lá por volta das 12h30. Os visitantes deveriam obedecer a um manual de conduta. Não seria permitido ninguém com calça amarela e camisa branca, para não coincidir com o uniforme das presas, tampouco adereços e fivelas nos sapatos, para não disparar o detector de metais. Bolsa e celular, proibidos. Às mulheres, nada de decotes.

No dia, a equipe técnica chegou de manhã para a montagem, os músicos e o coral no começo da tarde. A apresentação estava marcada para as 15h em ponto de uma quarta-feira de março de 2015. Com os músicos acomodados, a preocupação passou a ser a chuva que caía. Se o teto não estivesse bem restaurado, as chances de chover no interior do auditório durante o concerto seriam grandes.

O repertório, que ia do clássico ao pop, foi criado pelo pianista Rogério Zaghi e por Marcos Thadeu, maestro da

Academia. O quarteto começou com a “Pequena serenata noturna”, de Mozart, passando por Guerra Peixe e Carlos Gardel, autor de “Por una cabeza”, tango que Al Pacino dançou em *Perfume de mulher*. Por último, Ernani Aguiar.

Com todos acomodados, o cerimonial foi seguido à risca: primeiro entrou o quarteto, depois a pianista e, por último, o maestro, que deu sinal verde para que os artistas reverenciassem o público. A primeira peça foi um esquentado e os aplausos, comidos. Porém, à medida que o concerto avançou, equipe técnica, mediadores e plateia começaram a desmoronar. O coral entrou em seguida. Depois das duas primeiras músicas interpretadas em italiano, uma presa mais galhofeira deu graças a Deus que finalmente o coro cantava em português. “Foi meio esquisito”, ela confidenciou a uma amiga.

Quase no final, o maestro Marcos Thadeu convidou a plateia para cantar o que talvez seja o refrão mais famoso de Paulo Vanzolini. Quando a batuta autorizou, o salão veio abaixo com os versos de “Volta por cima”. Houve bis, tris e o programa de uma hora se estendeu mais do que o esperado. O concerto acabou, o toque de recolher já havia sido dado, as presas saíram primeiro e aos poucos, enquanto os convidados que esperavam a chuva passar cortaram caminho por um dos pavilhões. Na passagem do grupo pelo corredor, a plateia, agora acomodada em suas celas, se despediu pelas frestas de seus quartos.



Clube de leitura

Quatro anos antes, um grupo voluntário de mediadores começou um projeto de leitura na Penitenciária Feminina de Sant'Anna com uma proposta relativamente simples. Uma vez por mês, os voluntários se reuniam com 20 presas que trabalhavam na área educacional do presídio para um bate-papo sobre livros. Estavam envolvidas bibliotecárias, professoras multidisciplinares e leitoras assíduas dos três pavilhões, que abrigavam quase 3 mil pessoas. Os títulos seriam enviados a elas previamente e a discussão duraria uma hora. No final do encontro, outro livro seria eleito para o mês seguinte e, para cada obra lida, quatro exemplares seriam doados às bibliotecas do presídio. Eventualmente, um ou outro autor seria convidado. Na falta de modelos anteriores e para não caírem na armadilha do assistencialismo, os mediadores se fiaram em duas regras: diversidade literária e confiança no leitor. A função dos voluntários seria apresentar repertório e a das leitoras, construir suas preferências literárias.

Embora o tema fosse literatura e todos estivessem lá por vontade própria, a estreia foi tensa. Dos mediadores, porque elegeram *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, e poderiam ter errado feio logo de cara; das meninas, porque queriam entender o propósito daquelas reuniões. Naquele dia e nos meses seguintes, a dificuldade não foi atravessar as narrativas, e sim lidar com a frustração quase generalizada da ausência de livros com final feliz.

A composição desse primeiro grupo se manteve intacta por quase dois

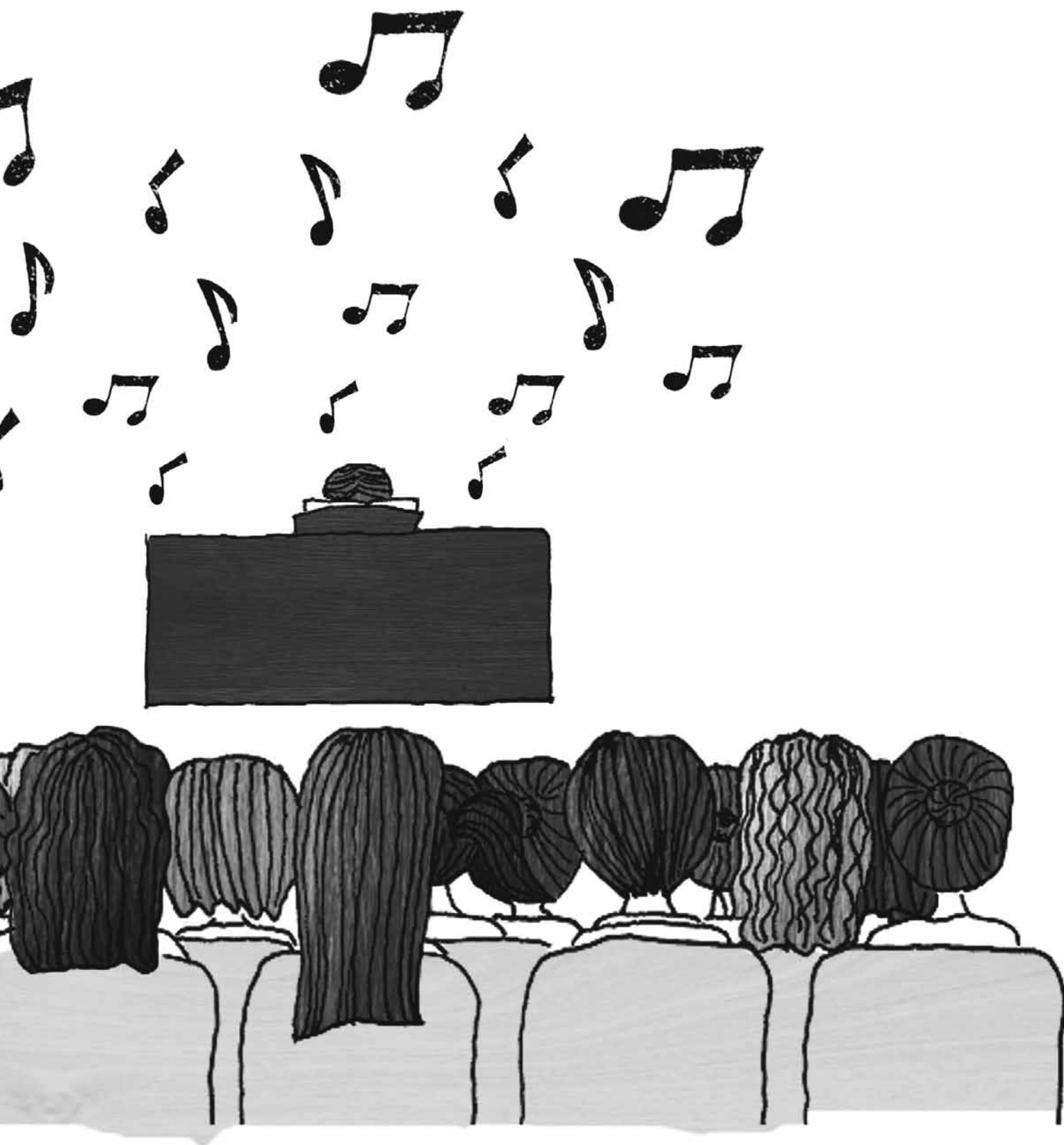
anos. Eram mulheres que cumpriam penas longas, com segundo grau completo e histórico de bom comportamento, critérios para concorrer às funções pedagógicas. Aos poucos as bibliotecárias começaram a dar vida nova a seus postos de trabalho, sugerindo os livros que mais gostavam e controlando listas de espera dos mais concorridos, uma façanha para quem até pouco tempo antes gerenciava um catálogo não muito atraente. À base de doações de terceiros e de instituições, a maioria dos títulos era ruim, de temas obscuros, mal escritos ou de difícil compreensão, além de autoajuda e de uma quantidade considerável de livros sobre direito penal, tijolaços consultados frequentemente.


Marçal Aquino foi o primeiro autor convidado a conversar com o grupo. *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* causou tanto furor quanto Lavínia, a personagem que transbordava sensualidade e que nocauteou Cauby, o anti-herói do romance. O autor respondeu às perguntas com desenvoltura e não se abalou com uma cantada à queima-roupa. “Quem é a sua Lavínia?”, perguntou uma das presas, querendo dizer “Quero ser a sua Lavínia”. Essa mulher era boa leitora e assídua do clube, tinha sempre um comentário bem-humorado e de um ponto de vista pouco óbvio. Um dia ela não apareceu a um encontro do clube. Sua saúde não era muito boa, sofria de pressão alta e controlava as crises com remédio. Naquela semana, teve um infarto fulminante e morreu antes que a enfermagem pudesse socorrê-la.

As discussões no clube de leitura iam de vento em popa e o tema do final feliz ficara para trás. Era hora de levar algum poeta. A escritora Noemi Jaffe foi convidada para falar de Drummond, e, se dessem certo, essas aulas especiais poderiam ser repetidas no futuro. As meninas se prepararam com uma rodada prévia para trocar impressões e se saíram bem no dia, animando os mediadores a levar a antropóloga Lilia M. Schwarcz para um debate sobre Jorge Amado. A essa altura, o clube já havia se consolidado e os encontros com escritores e professores se incorporado à proposta.

Marçal Aquino reinou absoluto até a chegada de Juan Pablo Villalobos. *Festa no covil* gerou um debate polêmico, que puxou a leitura de seu segundo livro e uma visita do autor mexicano ao presídio. Até então os clubes tinham o caráter exclusivo de formação de leitores, mas uma lei federal de 2014 autorizando a remição de pena pela leitura deu outro status ao projeto, que serviu de modelo para que a Funap, órgão público que trabalha a inclusão social dos presos, em parceria com a Companhia das Letras implementasse a ideia em oito novas penitenciárias do Estado de São Paulo. Mais que depositar expectativas exageradas no poder de transformação da literatura, o pulo do gato dos clubes de leitura foi entender como funciona a cabeça do leitor e, a tomar por essa experiência ela vai muito bem, contrariando todo o pessimismo que nos assola quando o tema é literatura. ■





 **Vanessa Ferrari** é editora da Penguin-Companhia e mediadora voluntária do projeto de clubes de leitura da Companhia das Letras. O concerto da Academia de Música da Osesp foi um convite da editora em homenagem ao Mês da Mulher. Vive em São Paulo (SP).

Encontros e Entregas

“Multimídia”, a vocalista da dupla Letuce conta como a literatura influenciou todas as atividades artísticas que desenvolve

OMAR GODDY

Quem acompanha a cena musical independente conhece a carioca Letícia Novaes por causa da dupla Letuce, que desde 2007 circula pelos palcos do país mostrando seu rock emepébístico e romântico. Os conterrâneos, no entanto, já estão acostumados com uma artista mais versátil, que além de cantora, compositora e instrumentista é atriz, comediante, apresentadora, poeta, desenhista e, desde março, colunista do jornal *O Globo*. “Meu público obviamente aumentou e se diversificou depois da coluna. Outro dia recebi um e-mail de uma senhora de 72 anos, foi uma alegria”, comemora.

Questionada sobre seus cronistas preferidos, ela cita dois novatos e dois consagrados: Gregorio Duvivier, Fred Coelho, João Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Verissimo — com ênfase no último. “Sembre babei no Verissimo. Acabava de ler os textos dele e ficava pensando: ‘Que boa sacada, de gênio!’. Comecei a amá-lo ainda na escola, e percebia que me achavam adulta por isso”, conta Letícia, que antes de conhecer a obra do gaúcho já tinha um bom repertório de literatura infantojuvenil.

Estimulada a ler pela mãe, professora de francês, a artista de 33 anos lembra “com carinho” dos primeiros autores que a emocionaram: Fernanda Lopes de Almeida e Hans Christian Andersen. A primeira, psicóloga de formação, ajudou a renovar a ficção para crianças produzida no Brasil na década de 1970. São dela clássicos do gênero como *A curiosidade premiada*, *O equilibrista*, *Soprinho e A fada que tinha ideias*, entre outros.



Ana Alexandrino



“Meu pai tinha *O equilibrista*, e eu achava engraçado que uma pessoa adulta tivesse dado esse livro para ele, também adulto. Hoje em dia entendo e adoro dar livros infantis para os meus amigos.”

Andersen, que dispensa maiores descrições, também lhe foi apresentado pela mãe. “Ela sentiu que já estava na hora de eu ir além e me deu um livro com os contos dele. Foi muito impressionante para mim. A história da Pequena Sereia me devastou”, diz. Outro conto do dinamarquês, “O rouxinol”, rendeu sua primeira composição. “Acabei de ler e me senti tão inspirada que deitei e cantarolei uns versos de que me lembro até hoje.”

A descoberta seguinte foi a poesia. Aos 13 anos, em 1995, ganhou de presente da mãe (sempre ela) uma Agenda da Tribo, publicação anual que traz um poema em cada página. Criado nos anos 1990, o projeto (atualmente vendido como Livro da Tribo) é responsável por apresentar o gênero a milhares de brasileiros. “Foi ali que conheci Paulo Leminski, Alice Ruiz, Ulisses Tavares, Leila Miccolis, Adélia Lopes. Era uma galera bem anarquista e diferente do meu mundo”, lembra a artista, que anos mais tarde chegou a ter um texto publicado na coletânea. “Uma adolescente não saberia como entrar numa livraria e pedir Leminski. Ainda bem que minha mãe pisciana sacou que uma agenda com poesia cairia bem para a filha esquisita”, completa.

Quando se tornou um pouco mais independente, Letícia começou a frequentar livrarias sozinha e passar horas folheando. Nessa época, teve “encontros”, como ela gosta de dizer, com alguns dos grandes romancistas

brasileiros e estrangeiros. “Um bom romance me transporta. Vira meu amigo. Sinto saudade, choro, me entrego”, afirma. Muitos desses escritores, poetas ou ficcionistas, hoje são influência assumida em sua trajetória artística: Clarice Lispector, Katherine Mansfield, Ana Cristina César, Rosa Montero, Sylvia Plath, Adélia Prado.

Entre os contemporâneos, a atriz formada pela Casa de Artes de Laranjeiras (CAL) destaca Bruna Beber, André Dahmer (“Cartunista, mas com poemas estilhaçantes”), Natércia Pontes, Gabriel Pardal, Keli Freitas, Maria Rezende e seus amigos do fanzine *Ornitorrinco* (do qual é colaboradora). Coincidência ou não, a grande maioria dos nomes citados ao longo da entrevista é de mulheres. Seria uma inclinação consciente? “Acho que, por acaso astral, essas pessoas me emocionaram mais. Mas não acredito em literatura feminina propriamente dita. De qualquer forma, claro que é maravilhoso saber que cada vez mais mulheres estão sendo publicadas”, explica.

Ela mesma se prepara para lançar o primeiro livro, *Zaralha — Abri minha pasta* (Editora Guarda-Chuva), uma reunião de “poemas, desenhos, brincadeiras em toalhas de mesa de bar, delírios imagéticos, horóscopos macabros e dislexias cometidas em exercícios da escola”. Como o projeto ficou caro, está passando por um processo de financiamento coletivo no site *Catarse*, especializado no sistema de *crowdfunding*. Ou seja: caberá ao público pagar pelo material antes da publicação. “Mas o preço do livro está ótimo, R\$ 35 para receber em casa. E está ficando lindo, estou animadíssima”, afirma, sem medo de fazer o comercial. ■

A vertigem das listas

Bacharel e doutor em Física, **Aguinaldo Medici Severino** relata a experiência de fazer resenhas no blog *Livros que eu li*, espaço em que já publicou perto de mil críticas de autores nacionais e estrangeiros

O blog *Livros que eu li* (guinamedici.blogspot.com) começou por sugestão de amigos. Sempre participei com eles minhas impressões dos livros que lia por meio de cartas, telefonemas e e-mails. Um desses amigos, Renato Cohen, insistiu por anos que eu transformasse as indicações de leituras que fazia informalmente em um registro perene. Aproveitei o período em que fiquei só em casa (pois minha mulher e minha enteada haviam se mudado para Barcelona por conta de um doutoramento) e passei a ocupar parte de meu tempo escrevendo resenhas.

Então passei a fazer registros de minhas leituras. Atualmente podem ser consultados ali 950 registros dos livros que efetivamente li a partir de janeiro de 2007. Metade corresponde a narrativas longas (romances e novelas) e livros de contos (respectivamente, 370 e

110 volumes). A outra metade inclui aproximadamente 250 textos de não ficção (crônicas, ensaios, perfis biográficos, memórias, divulgação científica, cartas e livros didáticos), 75 livros de poesias ou peças de teatro e outros 145 que chamo genericamente de divertimentos (livros de viagens, gastronomia, arte e fotografia, catálogos de exposições artísticas, livros dedicados ao público infante juvenil, *graphic novels* e mangás).

Esses registros não são propriamente resenhas críticas profissionais, nem tampouco ensaios elaborados ou definitivos. São, antes, comentários que mesclam a cada caso tanto detalhes das tramas ou dos sucessos dos livros quanto digressões que brotam de minha memória e afetaram meu humor, especialmente quando sou particularmente marcado por

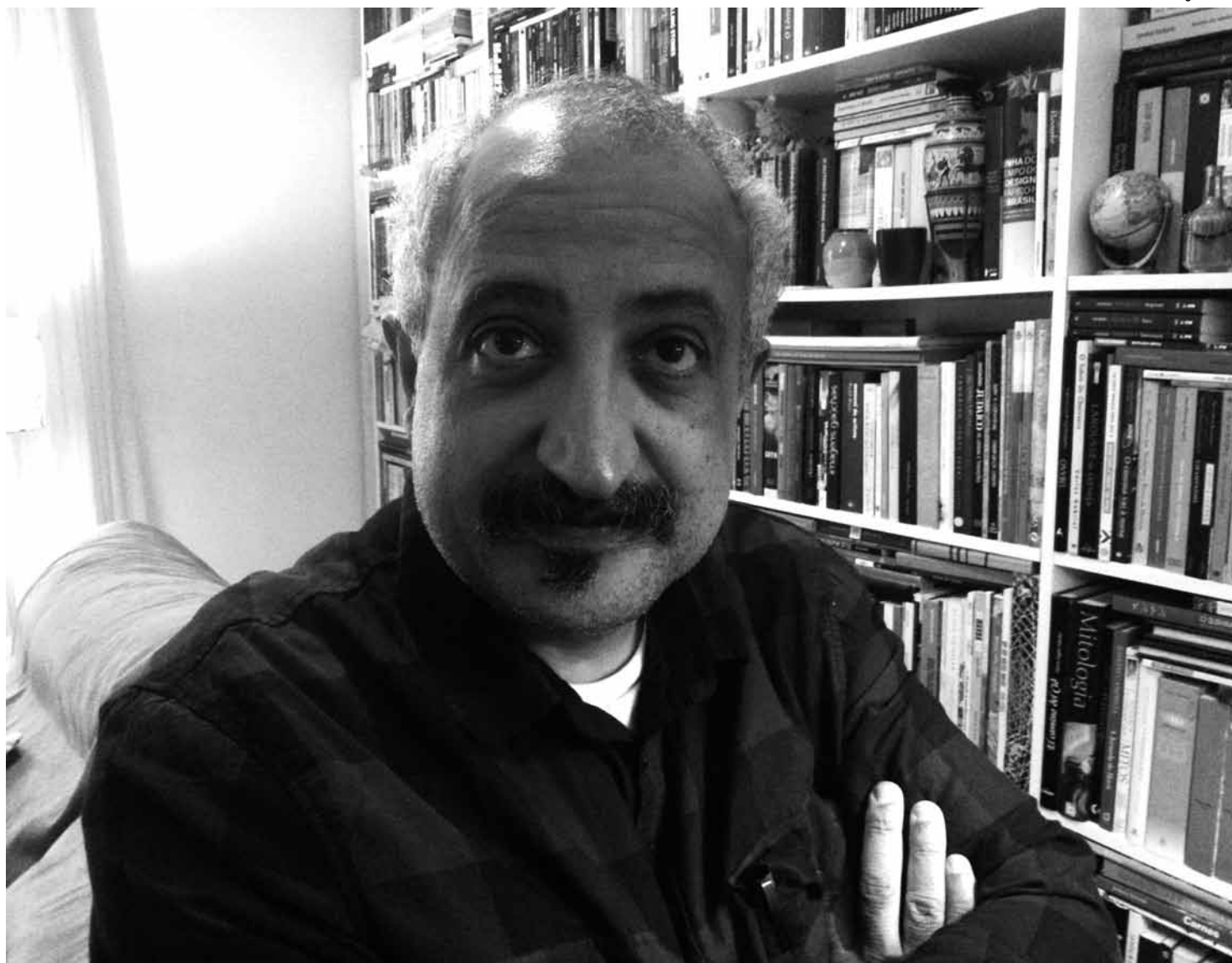
aborrecimentos ou encantamentos derivados das leituras.

A escolha dos livros que leio não segue critérios rígidos. Confio muito na intuição, no acaso, nas associações aleatórias que me levam de um livro a outro (sempre encontro um padrão posteriormente). Gosto também de ler várias coisas simultaneamente, deixar que um escritor dispute com outros minha atenção e paciência. Muito dificilmente abandono um livro que comecei a ler, mas não me furto de esquecer por meses em meus guardados aqueles que me irritam. Quando leio vários livros ao mesmo tempo prefiro que sejam de gêneros distintos (um romance, uma coleção de contos e um conjunto de poemas, por exemplo), porém, quando se trata do caso de um livro de ensaios que usualmente cobra mais atenção e disciplina, tento ler junto algo mais leveiro (como um daqueles “divertimentos” citados acima).

Desde minhas primeiras leituras, ainda nos anos 1970, época em que a ideia de um registro eletrônico de leituras era algo impraticável, tento ler o maior número possível de obras de um mesmo autor. O escritor que mais li desde 2007 foi o madrilenho Javier Marías

(que acredito ser o melhor escritor vivo). Dele já resenhei cerca de 40 livros, entre narrativas ficcionais, conjuntos de crônicas e ensaios. Li também quase tudo do catalão Manuel Vázquez Montalbán, morto em 2003, escritor e jornalista que teve um papel relevante na redemocratização espanhola (fiz resenhas de 35 livros dele, a maioria romances policiais, cujo protagonista é um detetive galego chamado Carvalho). Além desses dois espanhóis, li vários livros do italiano Andrea Camilleri (25 livros), do holandês Cees Nooteboom (23), do catalão Enrique Vila-Matas (18), do americano Philip Roth (17), do espanhol Arturo Pérez-Reverte (15), do inglês Ian McEwan (15), do irlandês James Joyce (15) e dos franceses Marcel Proust (10) e J.M.G. Le Clézio (9). Também li pelo menos meia dúzia de romances de cada um dos seguintes autores: Amélie Nothomb, José Eduardo Agualusa, Natsume Soseki, Joseph Conrad, Georges Simenon, Patrick Modiano, W.G. Sebald, Rosa Montero, Herta Müller e J.M. Coetzee. Mas basta desse catálogo de nomes e números.

Não sou exatamente o tipo de leitor que gosta de ler imediatamente tudo o que é publicado e incensado pela



Helga Correa

mídia. Geralmente espero meses para saber se um livro sobreviveu nas prateleiras, pois acho exagerado o otimismo do mercado editorial com quaisquer novidades. Nos releases das editoras qualquer livro parece no momento do lançamento obrigatório demais, transcendental demais.

Minha biblioteca, que começou com livros presenteados por meus pais, reúne hoje cerca de 5000 volumes (relativamente bem organizados, porém que já cobram um espaço de minha casa e de meu escritório de trabalho que extrapolou quaisquer limites). Sou um disciplinado comprador de livros. Não tenho nenhum tipo de parceria com editoras (que eventualmente poderiam me enviar livros para fins de divulgação), muito embora receba esporadicamente livros de amigos ou de pessoas que conheço apenas das redes sociais. Procuo ler publicações de editoras pequenas e não vejo problemas em ler autores que publicam às suas expensas. Acompanho a produção literária contemporânea através dos cadernos de cultura de jornais e revistas, assino *newsletters*, frequento feiras de livros, tento me familiarizar com parte do que é divulgado sobre literatura pelas redes sociais e pela televisão.

Aginaldo Medici Severino começou a registrar suas impressões dos livros que lê em 2007. Desde então, fez 950 registros no blog *Livros que eu li*.

Faço parte de um grupo de amigos que se reúnem todas as semanas para falar sobre literatura e trocar experiências na produção de textos (quase todos eles escrevem regularmente em jornais e publicam livros). Frequento bibliotecas, sebos e livrarias desde meados dos anos 1970. Não conduzo automóveis. Leio sempre que possível, seja em ônibus ou aviões, em salas de espera, parques ou bares (e até quando caminho pelas ruas da cidade, confesso).

Tenho por hábito fazer ao final de cada ano, numa resenha complementar, um balanço das leituras. Em geral comento aquilo que mais me impressionou, os projetos que abandonei, aquilo que me irritou, as sugestões de leituras que recebi de amigos e que se mostraram gratificantes. Uso só dois marcadores em cada postagem no blog: o nome do autor e o gênero do texto. Faço nessa resenha de final de ano um planejamento do conjunto de livros aos quais pretendo dedicar tempo no ano seguinte. Todavia não me importo em mudar os planos quando encontro algo novo.

Gosto de aproveitar efemérides, aniversários de morte ou nascimento de um determinado autor,

comemorações ou festividades para escolher algo novo para ler. Há vezes que opto por reler textos de meus anos de formação. Por exemplo, há cinco anos, quando estava prestes a completar meus 50, decidi que era a hora de voltar às maravilhas do ciclo de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido*, que havia lido quando tinha uns ingênuos 20 anos. Foi muito divertido contrastar minha lembrança dos sucessos de cada um daqueles volumes com o admirável texto novo que tinha nas mãos.

Outra coisa que faço todos os anos é reler algo do James Joyce quando o mês de junho se aproxima, pois nele comemora-se o *Bloomsday*, festa literária dedicada a relembrar os acontecimentos do dia 16 de junho de 1904 descritos em sua obra *Ulysses*. Em Santa Maria (RS), onde vivo, estas festividades incluem a leitura dos textos originais de Joyce e conversas informais sobre literatura e cultura irlandesa num ambiente não acadêmico. Buscamos o prazer de dividir algo da experiência seminal que brota dos livros de Joyce. O *Bloomsday Santa Maria* é o segundo mais antigo evento dessa natureza que se organiza no Brasil (o mais antigo



Parte da biblioteca de Severino, em sua casa, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Fã de James Joyce, é um dos organizadores do *Bloomsday* na cidade.



Helga Correa


é o *Bloomsday* de São Paulo, comemorado desde 1988).

Viajo sempre que possível e gosto de ler algo que esteja relacionado aos lugares que visito, seja a obra de um autor local que desconheço ou o que poderia ser chamado de biografias literárias das cidades. Com essa motivação conheci autores brasileiros muito bons como o curitibano Luís Henrique Pellanda, os gaúchos Leonardo Brasiliense e Samir Machado de Machado, o carioca Paulo Henriques Britto, o soteropolitano João Filho, o recifense Urariano Mota, o mato-grossense Joca Reiners Terron, o sergipano Antonio Carlos Viana e o paraense Dalcídio Jurandir. Gosto de ler livros em espanhol. Acho que um quinto dos livros que resenhei no blog foi escrito nessa língua. Também há alguns que li no original em inglês.

Cabe registrar ainda que obviamente não comecei a ler livros quando comecei o blog. Amigos e eventuais leitores do blog frequentemente me cobram a ausência em minha lista de leituras dos autores brasileiros canônicos, das maravilhas da literatura ocidental, dos grandes clássicos. Perguntam onde está o Shakespeare, onde estão Machado

e Rosa, Nava e Eco, Borges e Cervantes, Canetti e Mann, Flaubert e todos os Russos, Homero e os demais gregos, os livros de mitologia sobre os quais sempre falo e o Gore Vidal, Hemingway e Faulkner. Acontece que esses e tantos outros fazem parte daquela miríade de livros que li antes de 2007, livros que nunca resenhei sistematicamente como agora, apesar de sempre falar deles, apesar deles povoarem tanto minha biblioteca quanto minha memória.

Enfim. Antes do final deste ano alcanço a marca de mil livros resenhados. É difícil dizer se vou continuar por muito tempo com esse ritmo de leitura (foram cerca de 110 livros por ano nos últimos oito anos). Não sou exatamente um candidato à longevidade. Espero continuar sempre me divertindo nesse processo. Apesar de saber que é muito improvável que haja qualquer futuro para a crítica de livros no Brasil, ainda acredito no prazer individual proporcionado pela lembrança das horas que passamos com eles. Talvez seja o caso de você visitar meu blog de uma vez e ver se concorda com o que eu disse sobre os tais livros que li. Bom divertimento. Vale. ■

 **Aguinaldo Medici Severino**, 54 anos, nasceu em São Bernardo do Campo (SP). É bacharel e doutor em Física, formado pelo Instituto de Física da Universidade de São Paulo. É professor da Universidade Federal de Santa Maria. Organiza desde 1994 a festa literária *Bloomsday Santa Maria*, dedicada à obra de James Joyce (amseverino.com.br). Mantém o blog *Livros que eu li* (guinamedici.blogspot.com) desde janeiro de 2007. Vive em Santa Maria (RS).

Em busca de Juliana Klein, em busca de Curitiba

Marcos Peres escreve sobre *Que fim levou Juliana Klein?*, seu segundo romance, em que a capital paranaense serve de pano de fundo para a trama

O José Flauzino que deu a ideia: o Oscar (Nakasato, também maringense, autor do romance *Nihonjin*, prêmios Benvirá e Jabuti de literatura) mandou um conto para a seção “Em busca de Curitiba”, do jornal **Cândido**. “Por que você também não se aventura?”, inquiriu meu amigo. Pensei e decidi que tentaria mandar meu delegado maringense, Irineu de Freitas, para resolver um caso intrincado na capital. “Mandar um delegado maringense para a capital” foi uma estratégia deliberada para resolver dois problemas que desde o início estavam propostos: 1. O delegado já havia dado as caras aqui em Maringá e, portanto, eu não poderia narrá-lo como se fosse curitibano, desde sempre: seria uma incoerência com a identidade deste personagem; 2. O cenário do conto — como indica o nome da seção do jornal — precisava evocar Curitiba. Invoquei problemas com contingente de delegados da subdivisão da capital, pressão da opinião pública por resultados, competência extraterritorial corroborada por supervisores da Polícia Civil em seus invisíveis castelos kafia-nos e, por essas e outras, Irineu de Freitas desembarcou no Aeroporto Afonso Pena, em 2005. Desembarcou na capital do Paraná com uma difícil missão: investigar os motivos da morte de uma professora da PUC, Tereza Koch, executada por Salvador Scaciotto, marido de Juliana Klein, da UFPR.

O crime, ocorrido no famoso Teatro Guaíra, deflagrou — nos noticiários, nos círculos acadêmicos e no falatório da Boca Maldita — a existência de duas famílias antitéticas, rivais, com justificadores antigos para tanto ódio.

Aí entra o pobre delegado de Maringá, incauto em filosofias, insensível ao histórico belicoso dos protagonistas do livro, tentando compreender desesperadamente as nuances de um local em que se sente um organismo estranho, prestes a ser eliminado.

O conto ficou pronto, com um enorme problema: ficou extenso, impossível de ser publicado no formato do jornal. Após tentativas de podá-lo, decidi que minha tarefa não seria frutífera. Minha busca por Curitiba se mostrava fracassada. Engavetei o projeto, mas não consegui arquivar a capital — como sempre. A Curitiba que viajo, a mítica e miraculosa metrópole da infância — dos shoppings, do passeio público, da vina e gasosa, das palavras novas que me eram apresentadas, misturadas com um mundo ainda crescente, por nascer. A capital da juventude — dos vestibulares, das universidades, das baladas e dos porres longe da estrita observância dos pais. A Curitiba reencontrada na maturidade — dos vampiros, poetas e notívagos, todos mestres; a Curitiba das diferenças: no futebol, no sotaque e no costume e, ainda assim, a Curitiba das proximidades, dos biarticulados,

da organização, do orgulho irrestrito de ser paranaense. Curitiba que me viaja, desde sempre.


Com esses pensamentos, marinei a ideia do conto até decidir transformá-la em um romance. Tracejei o caminho oposto de podar o escrito e formatei-o em capítulos, estendendo-o, realçando detalhes da cidade, gravados em minha mente.

Com a ideia do romance, um problema inicial parecia resolvido: não necessitando ambientar o enredo em um local específico, poderia muito bem deixar Irineu aqui, quietinho, na 9ª SDP de Maringá, sem saídas mirabolantes para fazê-lo investigar estado afora, como um cão farejador sem rumo.

Por muitos dias, pensei em como poderia transportar o cenário para cá, mantendo a núcleo da história e alterando nome de universidades, de ruas, de sotaques. Não consegui. *Que fim levou Juliana Klein?* pedia Curitiba. Curitiba se transformara de mero receptáculo a organismo vivo, imprescindível para o correr do romance. Justifiquei para meus editores o estratagema e prossegui: a metáfora do delegado bronco do interior que tenta fugir, mas que tem todos os seus caminhos destinados a Curitiba calhou para o romance, como sempre calhou para minha vida. Escrever sobre a cidade, no fim das contas, era entender-me com ela. Era uma homenagem pequena que fazia a um local que

Guilherme Pupo



 **Marcos Peres** nasceu e vive e Maringá (PR). É autor de *O evangelho segundo Hitler* (2013), livro que venceu o Prêmio São Paulo de Literatura 2014 na categoria Autor Estreante com menos de 40 anos. No segundo semestre a editora Record lança seu segundo romance, *Que fim levou Juliana Klein?*.

sempre foi parte de mim — da mesma maneira que homenageei Borges colocando-o como um possível precursor do nazismo. Escreve-se certo por linhas tortas, sabe-se. Escreve-se de Curitiba sendo um maringaense, também.

Mas não fui negligente: como Irineu de Freitas, apeei no Afonso Pena e fiz o mesmo trajeto que meu personagem fez para chegar ao Batel. Com um caderninho, perambulei pelo centro anotando nomes de bares, detalhes das fachadas, menus expostos, o petitório rascante dos mendigos. Sentei-me na praça Santos Andrade e observei atento como as brumas, lentamente, invadiam o Guaíra e o imponente prédio da Federal. Entrei em alguns botecos do

centro e percebi como a garoa insistia em cair nos finais de tarde curitibanos. Saber o trajeto, mirar o que meus personagens viram, saber a distância percorrida entre um aeroporto e uma residência, o clima, as variações de humor do atendente de um estabelecimento, cada um destes pequenos detalhes funcionou como uma viga do romance — uma viga, portanto, do universo que eu estava pleiteando construir.

Pode ser que não reste explícito para o leitor que o garçom não gostava de seu ofício ou que o antagonista odiava as alterações climáticas, mas, para o autor (ao menos para *este* autor), estes detalhes foram vitais, necessários para a sua pessoal crença nos personagens e,

consequentemente, necessários para a árdua tarefa de fazer com que os leitores acreditassem na plausibilidade daquilo que pretendia escrever. Deambular pela cidade fotografando, anotando e pensando foi uma maneira de reconhecer o solo e, assim, conseguir escrever.

Não sei se é uma fórmula geral, e também não tenho a intenção de escrever sobre uma teoria da escrita. Mas digo sem nenhuma dúvida que, no meu caso, escrever é conhecer — a si mesmo, as suas raízes, a sua aldeia. Por isso retornei: ao que fui, ao que li, ao que vivi em Curitiba.

E, agora, com *Que fim levou Juliana Klein?* pronto, ainda no forno, vejo orgulhoso a capa do romance

com uma foto noturna da capital — da mesma maneira que vi Poty, Dalton e Curitiba, em tantas capas, em tantas linhas, em tantos sonhos. Vejo um rol grande de mestres, todos em minha cabeceira, vejo uma cidade que me recrimina e me afaga, vejo as tentativas de, escrevendo, tentar compreender o que sou. E, nesta contínua tentativa, nessa incessante ânsia de escrever, de conhecer, de desbravar, olho para o romance e para a foto noturna e sinto imensa gratidão. Curitiba em passinho floreado do grande Ney Trapple, Curitiba das conferências positivistas, do Rei Candinho, Curitiba de todas as viagens, de todas as idades, de todas as minhas buscas, deixo consignado meu muitíssimo obrigado. ■

TAIGUÉ

Não sei. É difícil ordenar as camadas de tempo. Vejo meu avô pintando com um rolo e pincéis o velho automóvel Esplanada 67. Hoje, 30 anos depois, o alaranjado perdeu seu brilho mas ainda está aqui, enxergo na lataria os movimentos irregulares de uma mão que já não existe. Nunca descobri porque numa manhã de domingo ele decidiu cobrir o branco perolado original com essa cor, pintando metal como se fosse parede. Mas talvez seja por essa razão misteriosa que nunca quisemos vender o carro.

Uma vez por semana ligo o motor e dou uma volta no quarteirão. Depois volta para a garagem, que também é casa e loja de materiais elétricos. Trinta anos atrás, esse lugar rodeado pelo baixo comércio, pela igreja mais popular da cidade e por um terminal de ônibus que leva trabalhadores da região metropolitana até o centro da cidade, encantava um menino de oito anos que a cada dia descobria detalhes e olhares que coincidiam com seu florescimento, a tampa de uma lata de graxa tinha o tamanho de um homem com câncer na garganta pedindo piedade para a Virgem de Guadalupe. Meus olhos eram como as bocas de lobo em dias de chuva grossa, engoliam o que podiam e depois se lambuzavam com as sobras. A esse material, ainda hoje incessantemente captado, misturam-se o instante em que vivo e as respectivas recordações do que foi percebido.

São seis horas e vinte e oito minutos, faltam cento e vinte segundos para o fechamento da loja, mas não vivo a sequência numérica do relógio, o conflito entre essas duas realidades talvez

explique essa dor constante que todos sentem e que parece ser mais democrática que o branco dos olhos. Ao meu lado está esse estranho, treze anos, gordo, óculos de fundo de garrafa, corpo e alma entregues ao videogame. Baixo a porta de ferro e ele permanece do lado de dentro. Como em um afresco encoberto por tinta nova, descubro uma imagem, eu mesmo, vestindo máscara cirúrgica, olhos naufragando, mostrando um bebê para a câmera. Câmera? Esse registro precisa de tecnologia, ou apenas flutua entre o céu da memória e os mares da consciência? Não sei, agora outra camada, abraço uma mulher, a minha, unimos afluentes de lágrimas ao recebermos o diagnóstico do autismo de nosso filho. As ondas levantam o casco do navio, serei ele ou o mar, ou um pouco de tudo, ou ainda o nada inteiro? Dessa vez trago sorrisos que mesmo encobertos por um dia cinzento descobrem maneiras de mostrar o rosto, no cartório informo aos atendentes o nome que escolhi para meu filho: Taigué. Desconfianças, cochichos, até que consigo sair dali com o papel assinado. Não há explicações para a origem do nome, não é a união de dois prefixos nem tem origem étnica. Talvez a cada duas gerações minha família decida pintar um carro de alaranjado, ele é meu Esplanada 67.

O cotidiano acontece dentro desse túnel de excentricidades. Fios, tomadas, disjuntores, notas de vinte, cartões de débito. Apesar de acontecerem coisas diferentes todos os dias, sinto-os, os dias, como milhares de pintinhos amarelos em uma estufa, todos pedindo prioridade com seus piados infantis. Quando criança passei longos períodos

trancado no quintal de casa, enquanto meus amigos passeavam com suas bicicletas, por isso criei calos no espírito e a repetição não me afeta tanto. Conheci gente que se matou porque não aguentava mais a falta de novidades. Todos os finais de tarde abro a gaveta da registradora, conto o dinheiro depois como o que foi vendido em cartão e chego a uns cento e vinte reais, às vezes cento e oito, às vezes cento e quarenta. Não sinto alegria com números maiores, no começo sentia, depois fui percebendo que

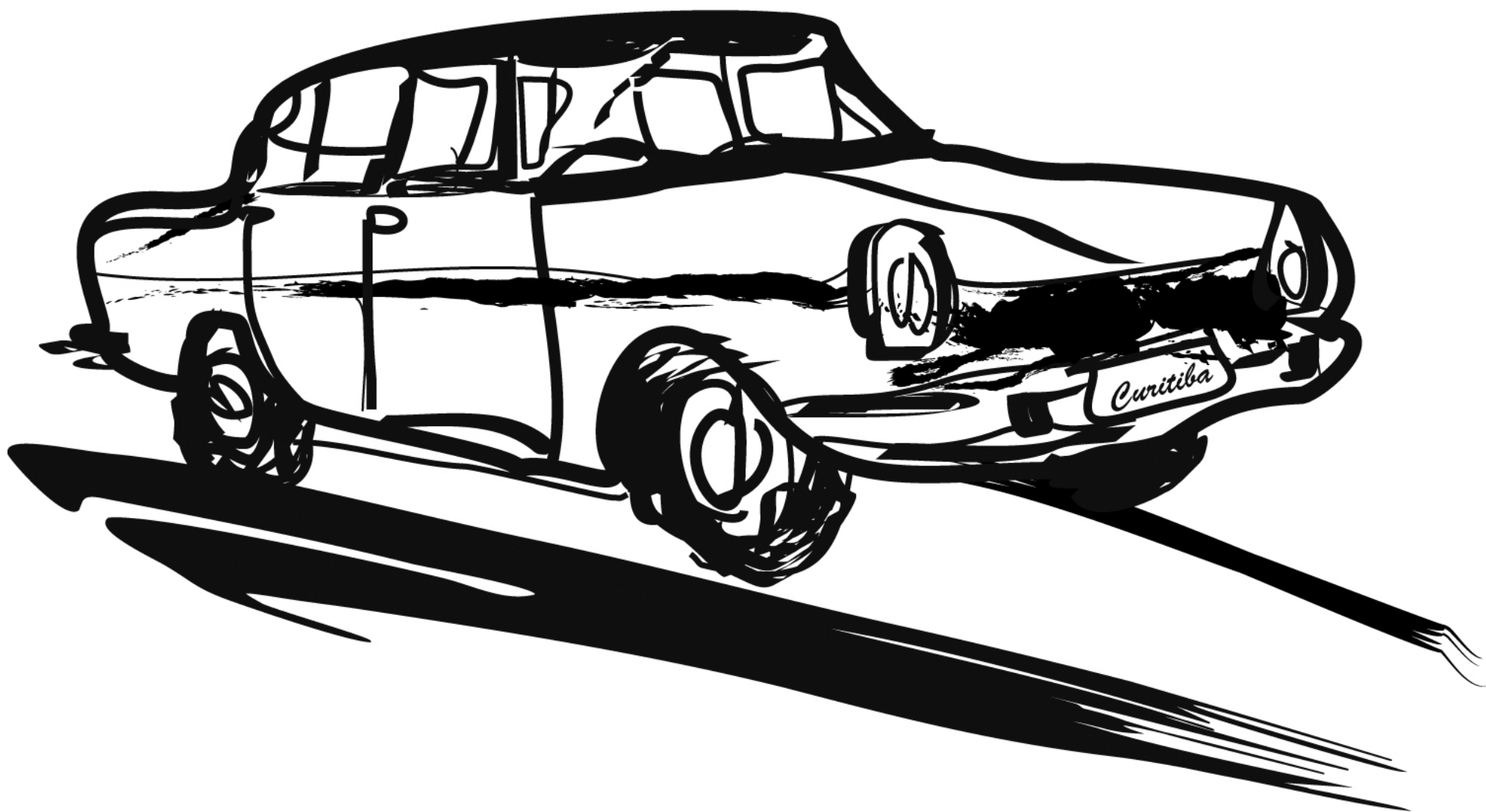
a loja é como um paciente de hospital, enquanto não morre, apresenta sempre a mesma tonalidade amarelada de pele e aqueles olhos que pedem piedade sem oferecer nada em troca.

Quando ele vai ao banheiro, o paciente, que é como me sinto agora, portanto sou ele e ele não existe mais, por enquanto, eu descarrego meus intestinos dentro da privada, percebo que meu fluxo de fezes, ou pelo menos o espírito delas, deve entrar pelos canos e encontrar outra pessoa de cu aberto

que acabou de evacuar, a alma de minhas fezes invadirá seu intestino e subirá até o cérebro, e essa talvez seja uma das maneiras secretas que ajudam a explicar porque com tanta animosidade no mundo, com o homem encarando todo e qualquer homem como um rival, as guerras e a violência urbana são relativamente pequenas se comparadas com o ódio que o ser humano é capaz de produzir e pôr em prática. Eu recebo através de meu cu, os fluidos de uma pessoa com visão de mundo, crenças, esperanças

e sonhos completamente diferentes dos meus. Essa mistura pacifica-nos, tornando-nos mais tolerantes. Os países com maiores taxas de violência são aqueles com menor quantidade de latrinas ligadas em rede.

Faço Taigué evacuar durante pelo menos duas horas por dia, tranco-o, e ele só sai dali com a privada cheia. Fiz com que compreendesse que os fluidos de outros homens vão ajudá-lo na vida, aprenderá a falar melhor, poderá tomar decisões. Taigué sabe que essa invenção



é minha e que não pode contar isso para nenhuma professora, professora que me ensinou a olhar para o céu, esvaziar a alma na Via Láctea, eu, treze anos, respiração arfante enquanto desabava sobre mim o peso da noite escura, nas minhas transparências temia ser flagrado pela testemunha eterna, almejava recompensas cravadas de culpas, depois, aos oito anos, quando descobri que as coisas acabam e que pessoas são coisas, e agora, lubrificando a porta pantográfica da loja e sonhando com a concha esvaziada de meus antigos sonhos, derramados sobre uma praia sem ondas.

Um filho retardado, miserável falha da natureza, consequência, seria mais honesto dizer, fruto das podridões somadas, trens sem maquinista viajando em sentidos opostos, a sede pela mistura rubra de ferro com ossos, somando dores para poder chorar com mais olhos. Taigué, o derradeiro inocente, condenado a ser ele mesmo, locomotiva que enferruja no pátio de manobras, olhos esvaziados acusando, pedindo perdões, prontos para beber meus afagos e cuspes, rachando-me, para que nunca mais seja o que fui, nem o que sonhei ser.

Agora, o início da vida adulta, viajar pelo mundo, a surpresa saudável das manhãs, o creme de rosas espalhado

pelas auréolas de seios, atravessando a dentadas o bife mal passado com cerveja preta, a eternidade cósmica das amizades, a tristeza sem fundo dos primeiros enterrados, o pavio aceso das surpresas, prometendo manchar de cores as tardes cinzentas, plantando na terra das esperanças a semente de Taigué.

Dentro da alegria dos seis anos conheci o amor de um pai de olhos tristes, que sem dizer nada escondia em uma das mãos uma bala azedinha e me fazia escolher, eu sempre ganhava, mesmo se encostasse na mão errada. Ali nasceu o desejo de levar aquela tristeza adiante, quando fiz catorze percebi que ela também pesava dentro dos olhos de meu avô, e que essa corrente deveria se estender na direção do passado remoto e do futuro incerto, eu era apenas mais um nó de aço, e minha missão genética seria gerar um bebê, que abandonando o ventre, espalharia desilusão através de seus olhos condenados.

Vi na televisão as imagens do telescópio Hubble, galáxias parecidas com pérolas coloridas desfilam suas eternidades em uma trama que antes de ser matemática é harmonia. A reportagem falava da grandeza das distâncias, para mim incompreensíveis, havia camadas de galáxias mais próximas e claras,

Ilustração: **Richard Bischof**



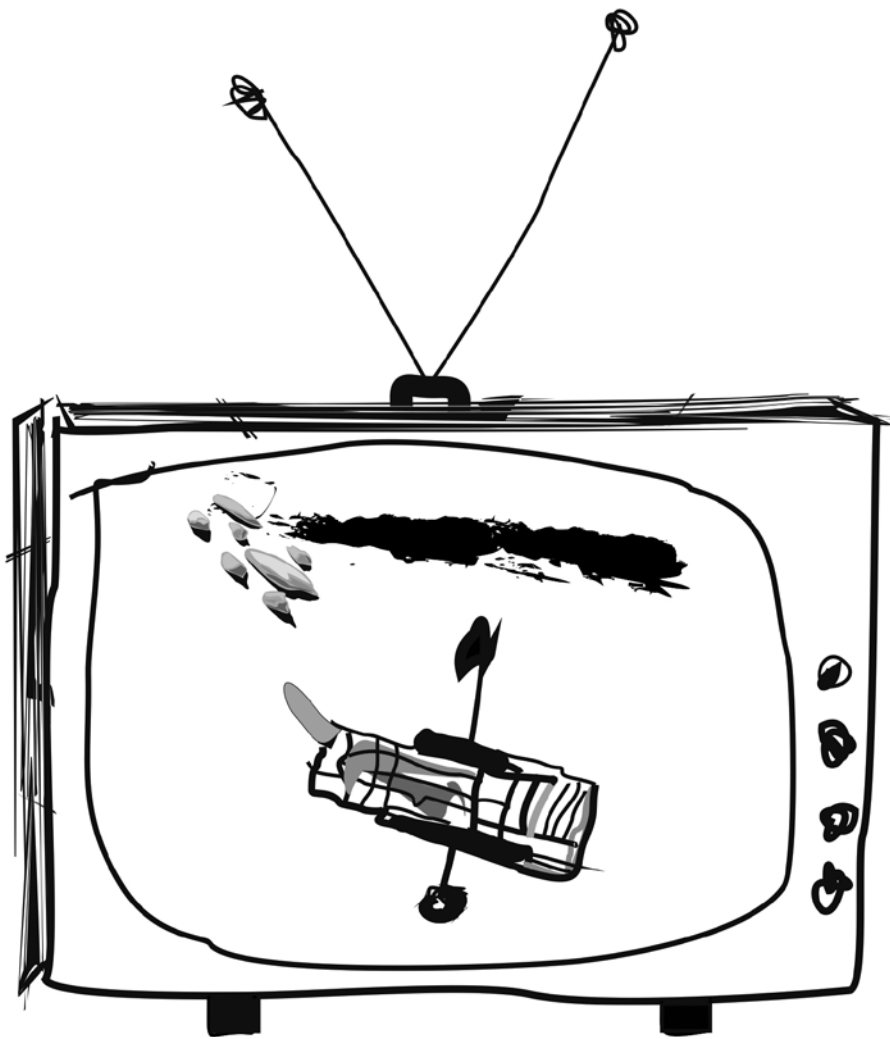
quanto mais escuras maior a distância, esses pontos negros estavam nos limites de um universo que pode ser eterno. O tempo é um detalhe sem importância quando não há pontos de referência para atestar sua passagem, nas estrelas distantes o tempo vai resultar na explosão de uma supernova, quanto mais perto de nós maior é seu peso, ele nos sopra no rosto, desenha a lentidão de nossos passos e o ritmo sereno dos ciprestes de cemitério.

Depois de ver a reportagem tive um *insight*, não é apenas a corrente familiar que me une com antepassados e com os que nem nasceram. Tudo o que existe precisa unir-se com estruturas maiores, das abelhas aos suspiros de amor, do orvalho à memória do mundo, nesse entrelaçamento cósmico, repleto de cinzas civilizatórias, encontrarei meu filho e a sombra de sua sabedoria, e terei orgulho do que hoje me envergonha.

Às vezes, tenho medo que alguém perceba, mais eu saio do ar, fico três horas olhando para um ponto fixo, uma parede, uma lata de lixo, durante esse período nenhuma ideia atravessa minha cabeça, sou um corpo e mais nada. Nesses dias nada de futuro, distante, a tecnologia não quer nos ajudar.

Sou eu que tenho de descobrir uma maneira de amá-lo, de expulsá-lo. O Esplanada 67. Podia propor um passeio, longe, uns duzentos quilômetros, fingir que o pneu furou, pedir para que ele descesse, abandoná-lo, eu não teria remorsos, mas o que diria à mãe, e à polícia, o mundo é todo filmado, e se ele por conta própria reaparecesse, o que lhe diria? Você é um deficiente, se eu ficar com você terei

de te dedicar todas minhas energias. E é justamente o que não quero. Não vejo sentido em sacrificar uma vida saudável em função de outra que não tem a menor perspectiva de melhora. Ele então, me olharia com aqueles olhos mergulhados no amor e no retardo, e aceitaria minha desculpa darwinista. Talvez a única fuga possível seja um tiro no peito, no meu.



Ele completa trinta e quatro anos, é um velho repleto de vibrantes oportunidades para novas doenças, tem o coração de um homem de oitenta e os pulmões de um menino de seis, o sorriso é o mesmo da infância, mas a pele ganhou vincos e perdeu cores, e sobre o rosto, como se fosse a projeção de si mesmo, parece haver narizes e bocas, que desencontram-se de suas matrizes e constroem um rosto paralelo, que confunde as certezas de quem enxerga e só voltam a coincidir quando encontram os pesados óculos afundados em olheiras escuras. Esse rosto paralelo, sinto, prevejo, ou desejo, do qual nunca consigo enxergar os olhos, é a vontade que a morte tem de engolir meu filho. Deseja tão ardentemente que projeta em uma nuvem seca réstias de suas vontades. E ela, a morte, é tão virulenta, que talvez não tenha paciência de esperar mais vinte e um anos para lambem o prato de comida abandonado.

Eu, um homem de sessenta anos, me olho no espelho e encontro-me, trinta e oito anos de idade, ansiedade espalhada por toda figura, desilusão perfurando músculos ainda vigorosos, e sobre eles mantos coloridos por uma esperança que busca, até agora em vão, construir um verso onde a rima, repleta de sonoridade e sentido, aconteça com Taigué. ■

Os brutalistas

Renovadores do conto brasileiro, Rubem Fonseca e Dalton Trevisan chegam aos 90 anos como referências máximas do gênero no país

LUÍZ REBINSKI

Quando Dalton Trevisan e Rubem Fonseca fizeram suas estreias literárias — em 1959 e 1963, respectivamente —, a literatura brasileira vivia ainda o rescaldo do regionalismo, movimento que revelou, a partir dos anos 1930, uma geração fantástica de romancistas. O conto, como acontece hoje, era preterido pela narrativa longa. Tal fato, aliado à renovação dos assuntos propostos por Trevisan e Fonseca em suas prosas — ambas guiadas por uma genuína transgressão da linguagem — deu aos dois autores o rótulo de renovadores do conto brasileiro.

É assim que Dalton Trevisan e Rubem Fonseca chegam aos 90 anos de vida: como marcos da literatura nacional. O surgimento dos autores estabelece um novo momento nas letras brasileiras. Com *Novelas nada exemplares* (1959), do paranaense Trevisan, e *Os prisioneiros* (1963), do mineiro Fonseca, a ficção brasileira dialoga com a nova vida social e econômica do país, marcada pela urbanização das cidades e pelos problemas decorrentes das transformações inerentes à nossa tardia industrialização.

De Machado de Assis a Guimarães Rosa, ambos com obra considerável na narrativa breve, mas que ficaram conhecidos por seus romances, a tradição do conto brasileiro ainda estava muito arraigada ao ambiente rural e aos subúrbios. Uma literatura em descompasso com o mundo acelerado, rápido e cheio de referências novas que se apresentava.

“Com Dalton Trevisan e Rubem Fonseca a forma ficou mais sintética, o ponto de vista narrativo perdeu as ilusões burguesas, a gente trivial das cidades ganhou um protagonismo sem concessões fantasiosas como as do realismo socialista”, explica Luís Augusto Fischer, professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). “Os dois são parte decisiva da reinvenção do gênero conto na literatura brasileira dos anos 1960”, diz Alcyr Pécora, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Novelas nada exemplares, com uma escrita contida e burilada, já nasceu reverenciado. O crítico Otto Maria Carpeaux, acostumando a despencar seu imenso repertório em mestres da ficção

mundial, dedicou tempo ao estreante curitibano. Viu em Trevisan um “observador atento dos pormenores da realidade”. O livro, que já no título praticava uma irônica molecagem com o clássico de Cervantes (*Novelas exemplares*), ganhou o Prêmio Jabuti.

Com *Os prisioneiros*, o barulho foi similar. Mesmo sendo um livro de autor desconhecido, publicado por uma editora modesta (GDR), a crítica se rendeu à novidade. A fartura de recursos estilísticos usadas pelo autor, que empreendia uma narrativa rápida, de diálogos diretos, marcados por elipses e que, ainda assim, traziam a marca do conto psicológico, tomou de assalto os críticos.

“Ele já estreou nas alturas, elogiado pelo crítico Assis Brasil, de grande prestígio no *Jornal do Brasil*, no início dos anos 1960; feito e tanto em se tratando de um estreante”, lembra Sérgio Augusto, amigo de Rubem Fonseca desde os anos 1960 e responsável pela curadoria da reedição da obra do escritor pela editora Agir a partir de 2009, quando o escritor rompeu com a Companhia das Letras.

Além de Assis Brasil, Wilson Martins também identificou naquela estreia, um promissor autor. “O senhor Rubem Fonseca renova o conto brasileiro no momento mesmo em que estaríamos inclinados a considerá-lo esgotado”, escreveu em fevereiro de

Reprodução



Rubem Braga e Dalton Trevisan, nos anos 1960, em Curitiba.

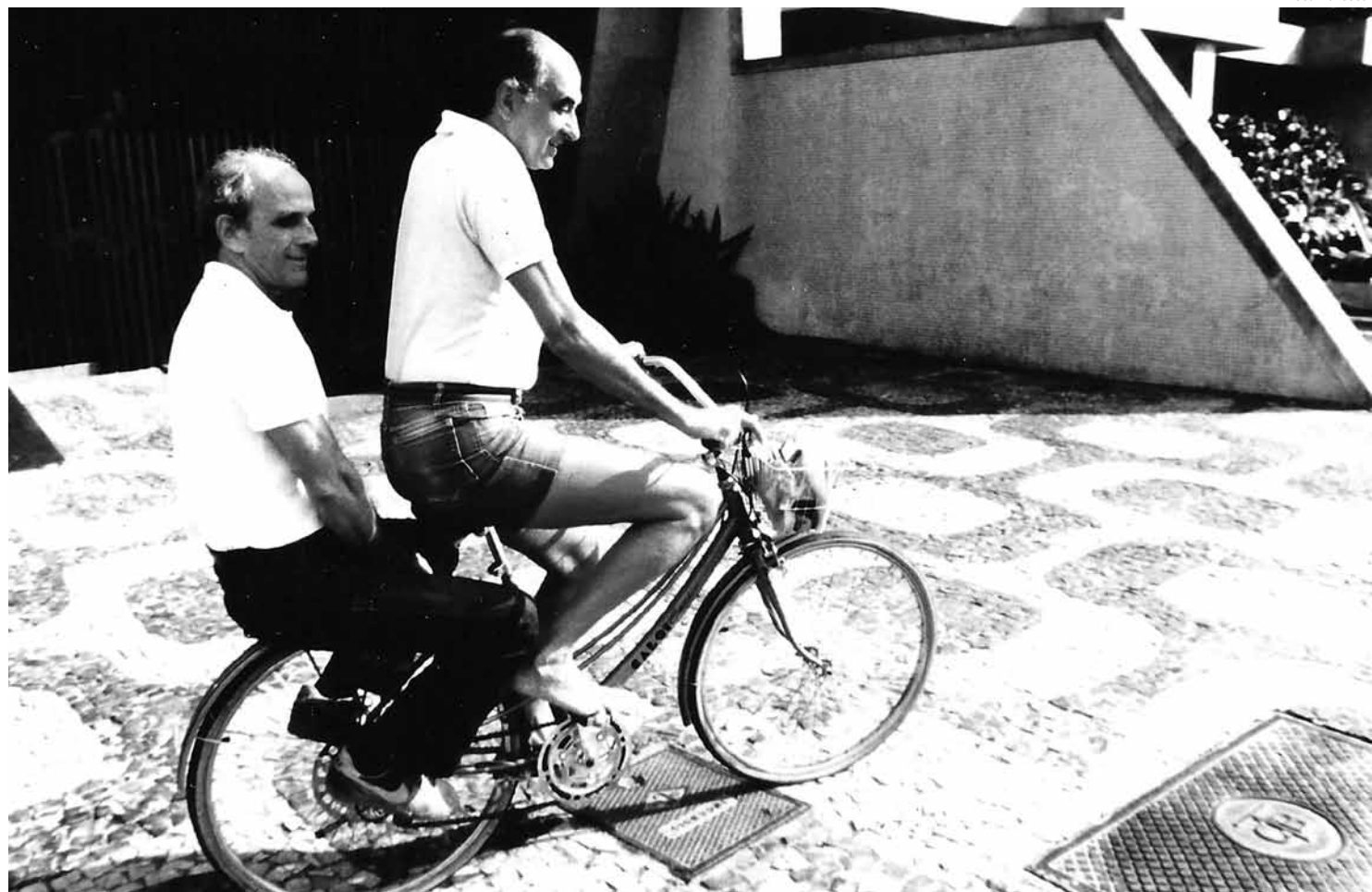
1964 no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*. “É a grande revelação dos últimos anos”, disse Fausto Cunha, crítico conhecido pelas opiniões mordazes.

Mandrake e Nelsinho

Considerando as oscilações e mudanças de rota que uma obra de mais de cinco décadas pode sofrer, os dois marcos iniciais das carreiras de Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, de certa forma, lançariam as bases para tudo que os autores produziram a partir dali.

Especialmente no caso de Rubem Fonseca, o primeiro conto de *Os prisioneiros* é uma espécie de síntese da literatura que o escritor praticaria mais tarde, não só nas histórias curtas, mas também nos romances que publicou, principalmente, durante a década de 1980. “Em fevereiro ou março”, que abre a coletânea, um “miserável”, que vende seu próprio sangue para sobreviver, se envolve com uma aristocrata decadente (condessa Bernstroff), que o apresenta para um mundo novo, de *glamour*. O contraste de classes sociais, o paradoxo entre personagens pobres, mas inteligentes, a malandragem e a violência dos morros cariocas e a narrativa misteriosa, com toques de crônica, fazem do conto um protótipo da prosa fonsequiana.

Naquele momento também já ficavam evidentes as influências do autor, cuja literatura de língua inglesa, em especial a americana, está no centro de sua prosa. O fascínio pela



Na década de 1970, Rubem Fonseca e Zuenir Ventura de bicicleta.

ficção anglófila aflorou durante uma viagem que o escritor fez aos Estados Unidos, quando, entre os anos 1956 e 1957, teria estudado administração na Universidade de Boston.

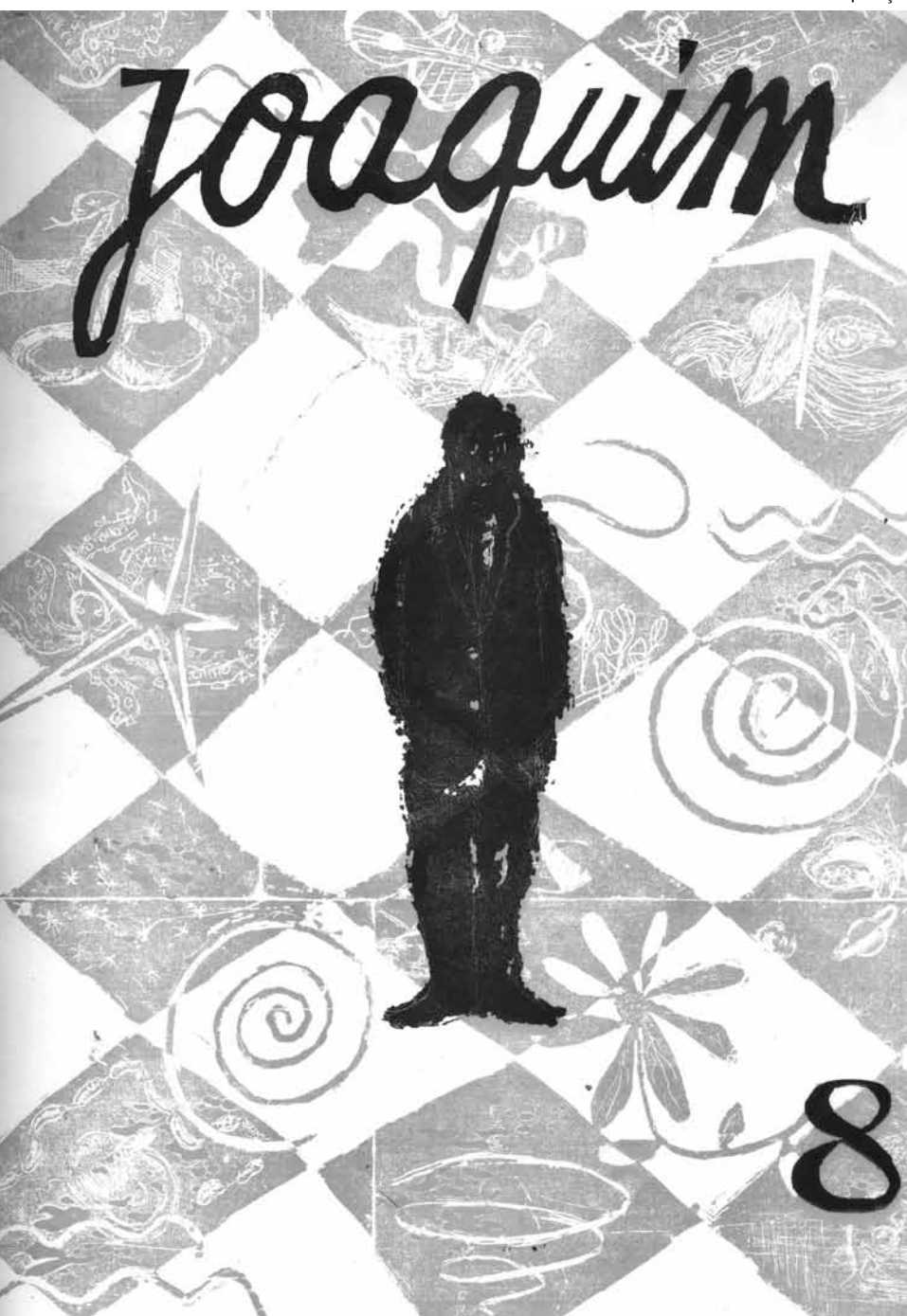
“Mandrake [personagem que aparece em contos e romances do escritor] é filho dos ‘heróis existencialistas’ criados por Dashiell Hammett

e Raymond Chandler. A grande novidade de Zé Rubem, além de recriar com sabor nosso o *noir* americano, foi fugir à aparentemente inescapável influência de Maupassant, Katherine Mansfield e William Soroyan”, diz Sérgio Augusto.

Já Dalton Trevisan oscilou por caminhos mais diversos durante a carreira,

apesar de marcas de sua literatura permearem, entre idas e vindas, toda a obra, como o uso da repetição e da elipse. No entanto, sempre sob o signo da síntese, o escritor transitou por subgêneros como a prosa poética (*Cantares de Sulamita*) e a epístola (*Pão e sangue*), além de ampliar seu escopo de temas, indo dos problemas de relacionamento

Reprodução

Capa da 8ª edição da revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan entre 1946 e 1948.

“Com Dalton Trevisan e Rubem Fonseca a forma ficou mais sintética, o ponto de vista narrativo perdeu as ilusões burguesas, a gente trivial das cidades ganhou um protagonismo sem concessões fantasiosas como as do realismo socialista”

Luís Augusto Fischer, professor de Literatura Brasileira da UFRGS

(*Guerra conjugal*) às questões mais urgentes da sociedade contemporânea, como o problema do crack (*O maníaco do olho verde*). Sem esquecer, claro, do gênero em que Dalton Trevisan melhor exercita seus maus sentimentos: as histórias de maledicências, em geral direcionadas a desafetos. “Viajo Curitiba das conferências positivistas, eles são 11 em Curitiba, há 13 no mundo inteiro”, diz trecho do conto “Em busca de Curitiba”, originalmente publicado em *Mistérios de Curitiba*, de 1968.

“Se você ler os primeiros livros de Dalton Trevisan, vai verificar que esses textos se prendem a um modelo clássico de conto, com o objetivo de produzir o ‘efeito único’, conforme proposto pelo Edgar Allan Poe”, explica Fernando Paixão, poeta e professor de literatura do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP). “No entanto, esse modelo vai se esgarçando

ao longo dos livros seguintes. Uma década depois, ele escreve *Guerra conjugal* (1969), que condensa a dramática humana na pele de João e Maria, que praticamente são personagens-arquétipos. Vemos aí uma passagem dos personagens-típicos para a criação de personagens-tipos, com os quais ele revela as mazelas brasileiras”, completa.

O poeta Francisco Alvim, que nos anos 1970 integrou a geração da chamada “poesia marginal”, que assim como Dalton Trevisan, se valia da auto-publicação para fazer circular a literatura que produzia, também contesta a ideia de que o escritor curitibano se repete a cada novo livro. “Não estou muito certo se esse tipo de abordagem [a da repetição] do estilo de Dalton seja inteiramente satisfatório, porque sua escrita, em verdade, muda muito; e o que nela talvez seja de fato incessante seja não a repetição, mas a mudança, que

Reprodução



Premiado diversas vezes por sua obra, Rubem Fonseca acaba de receber o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, por seu mais recente livro de contos, *Histórias curtas* (2015).

se faz por meio de um processo muito seu de aglutinação, concentração e tensionamento da linguagem, processo que atravessa toda a obra e que constitui de fato o que chamo, à falta de melhor denominação, de o ‘tom de Dalton.’”

Ainda hoje as duas primeiras coletâneas de contos de Dalton Trevisan (*Novelas nada exemplares* e *Cemitério de elefantes*) estão entre suas obras mais aclamadas. Mas é com o quarto livro que o escritor ampliaria seu número de

leitores. *O Vampiro de Curitiba*, lançado há exatamente 50 anos, em 1965, coloca ainda mais em evidência outro elemento que seria fundamental na prosa de Trevisan: o sexo. Identificado como “novela”, o livro narra histórias curtas protagonizadas por Nelsinho, o Vampiro do título, que ao contrário do mito, é obcecado por sexo, e não sangue.

A coletânea fez tanto sucesso que o próprio escritor passou a ser identificado como “Vampiro de Curitiba”, por

conta de sua aversão em aparecer em público. “É o momento em que reúne o universal ao local, ou seja, toma a figura do vampiro e adapta-o à sua cidade natal. Com isso, percebe-se um ecletismo narrativo diferente dos livros anteriores”, diz Fernando Paixão, que durante os anos 1980 editou duas coletâneas de contos (*Vozes do retrato* e *Quem tem medo de vampiro?*) do escritor curitibano para a editora Ática. Para ele, “Uma vela para Dario”, de *Cemitério de elefantes*,

segundo livro de Dalton Trevisan, é um “dos melhores contos do mundo”.

Ao longo das décadas seguintes, Trevisan continuaria produzindo muito, sempre com alto padrão de qualidade. Nos últimos anos, tem sido fiel à média de um livro por ano. Seguindo em direção contrária ao clichê da repetição, em sua mais recente coletânea de contos, *O beijo na nuca* (2014), a Curitiba de tantas histórias é trocada por cenários europeus, como Roma.

Reprodução



Fonseca em evento em Portugal, onde recebeu um prêmio, em 2012.

Mais um capítulo da reinvenção literária que o Vampiro empreendeu à sua obra, o que tem sido constante ao longo das décadas. No começo dos anos 1990, surgiu com os minicontos, que chamou de “ais” (*Ab, é?*), e a partir da segunda metade dos anos 2000, ajusta suas histórias aos problemas contemporâneos de Curitiba (*Violetas e pavões* e *Desgracida*). Ainda assim, não é possível identificar “fases” muito claras em sua obra, pois a cada livro o Vampiro embaralha gêneros e temas.

Agruras de um jovem escritor

Quando se lançou na literatura, Rubem Fonseca já era um homem maduro de 38 anos. Isso pode explicar, parcialmente, como, de certa forma, “já nasceu pronto”. Ao longo de 15 anos, o escritor lançou uma série de livros arrematadores, em que radicalizava ainda

mais a fórmula experimentada na primeira coletânea. *A coleira do cão* (1965), *Lúcia McCartney* (1967), *Feliz ano novo* (1975) e *O cobrador* (1979) — há ainda uma novela no meio, *O caso Morel* (1973) — fizeram do escritor um exímio retratista da feroz realidade que o país vivia no conturbado período pós-1964. Ele havia se especializado no conto violento, narrado sem meias palavras. Uma literatura “brutalista”, na concepção do acadêmico e crítico Alfredo Bosi.

Contos dessa primeira fase do escritor, como “O cobrador”, “Feliz Ano Novo”, “Encontro no Amazonas”, “O inimigo” e “Passeio noturno (Partes I e II)” fazem valer o rótulo dado por Bosi a Fonseca. Além da violência, do “climão” *noir* e da já citada linguagem empreendida nas histórias, o escritor subverte a ordem das coisas ao transpor para o conto praticamente todos os

elementos-chave que consagraram o romance policial. Daí suas melhores histórias serem àquelas mais extensas, em que o escritor consegue dar acabamento mais eficaz à personalidade de seus protagonistas. Não são apenas cenas que estão em jogo nos melhores contos de Fonseca, mas sim trajetórias. Em histórias de 30 ou 50 páginas, a prosa do escritor reproduz o efeito dos melhores romances policiais, com as idas e vindas narrativas tão características ao gênero. Portanto, Fonseca, em um caso raro na literatura mundial, transformou-se em um grande “contista policial”.

O grau de excelência atingido pelo escritor foi tamanho, que quando migrou para o romance, gênero que é a matriz da narrativa *noir*, o resultado foi contestado por muitos críticos. Apesar do sucesso de livros como *A grande arte* (filmado em 1991 por Walter Salles) e



Em 2013, Fonseca fez uma aparição no canteiro de obras da Linha 4 do metrô do Rio de Janeiro, onde foi inaugurada uma biblioteca com seu nome.

Agosto (transformado em minissérie pela *Rede Globo* em 1993), a opinião da maioria dos leitores é de que Rubem Fonseca é mesmo um contista. “Acho que o conto é o gênero que Fonseca domina com um apuro e uma inventividade invejáveis. É, como Dalton, um renovador do conto brasileiro e, ao mesmo tempo, um retratista implacável da sociedade brasileira”, diz Sérgio Sant’Anna, ele mesmo considerado mestre das breves narrativas. Para Sant’Anna, Dalton Trevisan hoje é “o maior contista do mundo”.

Sérgio Augusto engrossa o coro, mas faz ressalvas em relação aos críticos do romancista Fonseca. “Como quase todo mundo, prefiro o contista ao romancista. De todo modo, não desgosto das narrativas mais longas, para as quais alguns críticos torceram o nariz. Mas é preciso não esquecer que essas comparações se processam num plano

elevado. Um Rubem Fonseca supostamente menor já sai com 1 x 0 no placar. Ele só consegue ser inferior a si mesmo.”

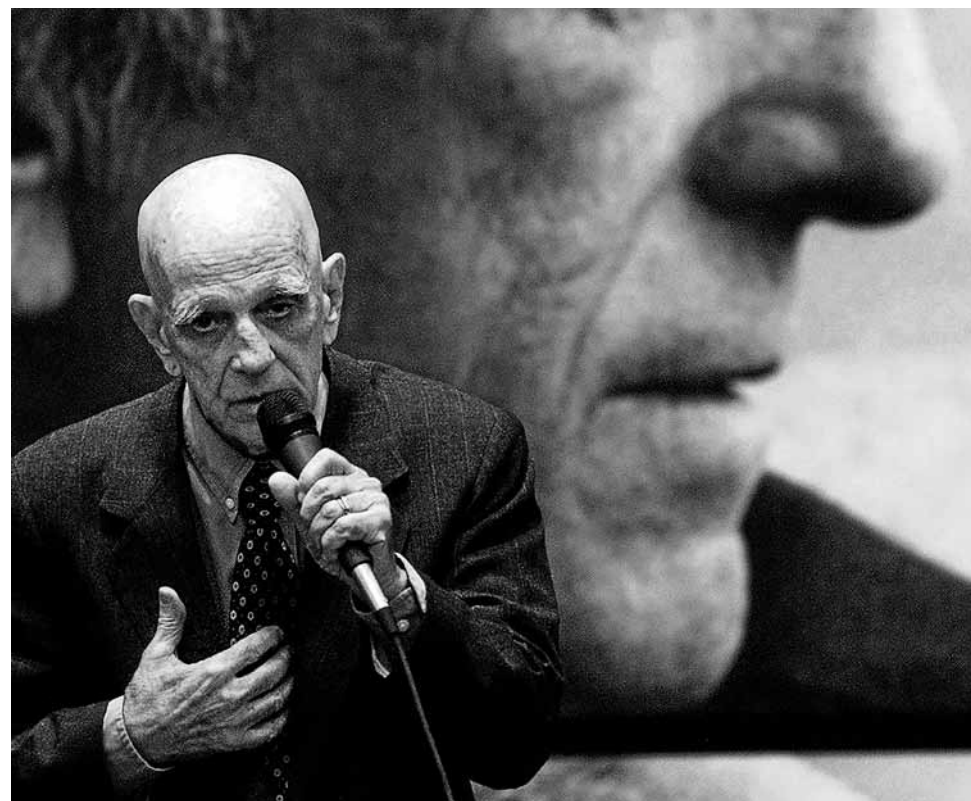
O *know-how* adquirido pelo escritor é conhecido. José Rubem Fonseca entrou para a Academia de Polícia do Rio de Janeiro em 1949, após passar pelo curso de Direito. Na corporação, tinha dois grandes amigos: Ivan Vasques e Mário César da Silva. Em meados dos anos 1950, Fonseca sai da polícia e vira executivo da Light e, na sequência, escritor. Vasques e Silva seriam inspiração para as histórias de assassinatos narradas pelo ex-colega. É dessa época também a passagem mais nebulosa da biografia do escritor, quando colaborou com o Ipês (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), organismo fundado em 1962 com o objetivo de propagar o pensamento liberal e anti-marxista (leia mais na página 28).

“A grande novidade de Zé Rubem, além de recriar com sabor nosso o noir americano, foi fugir à aparentemente inescapável influência de Maupassant, Katherine Mansfield e William Soroyan.”

Sérgio Augusto, jornalista e crítico

ZÉ RUBEM

Nascido em 11 de maio de 1925, José Rubem Fonseca é mineiro de Juiz de Fora, mas adotou o Rio de Janeiro como sua cidade natal. A capital fluminense serve de pano de fundo para a maioria de suas histórias — “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, uma de suas histórias mais brilhantes, é um dos pontos altos da relação entre o autor e a cidade. Em *José* (2001), livro de memórias travestido de ficção, o autor narra seu percurso inicial nas letras, quando aos quatro anos aprendeu a ler sozinho e se tornou um compulsivo devorador de ficção. Sua prosa está repleta de referências a autores e livros. *O caso Morel* (1973), sua primeira novela, é uma enciclopédia de influências, em que personagens cultos, como o protagonista Paul Morel, citam uma miríade de referências eruditas a cada página — de Man Ray a Jean Cocteau. Em *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, outro romance, Fonseca põe o escritor russo Isaac Bábel no centro da trama. O cinema é outra referência constante. “Sua ficção é cheia de alusões cinematográficas, explícitas e sibilinas; isso desde o primeiro livro, em que se aproveitou de um personagem real (Henri Landru, estrangulador serial de viúvas) abordado na tela por Chaplin e Claude Chabrol. Leon Wexler, sócio de Mandrake no escritório de advocacia, é uma homenagem ao diretor de fotografia e cineasta Haskell Wexler. Em *Histórias de amor* (1997) há referências diretas e indiretas a filmes como *Uma vida por um fio*, *Janela indiscreta*, *O destino bate à sua porta* e *Pacto de sangue*”, diz o também cinéfilo Sérgio Augusto.



Avesso a aparições no Brasil, Fonseca circula com desenvoltura em eventos no exterior.

Unidos pelo mundo cão

As conexões entre Dalton Trevisan e Rubem Fonseca existem, mas estão mais no plano da curiosidade do que no campo literário. Além da coincidência de nascerem no mesmo ano, o que se sabe é que ambos apreciam cinema e não gostam de aparecer em público — Fonseca, no entanto, frequenta feiras e eventos literários no exterior.

No âmbito da ficção, a aproximação entre os dois autores costuma ser feita mesmo a partir do tema da violência. Mas há, logicamente, diferenças. A percepção geral é que Rubem Fonseca trata a temática de forma explícita, enquanto em Dalton Trevisan a violência se dilui aos poucos em suas narrativas. “Na mecânica afetiva baixa de Dalton, a violência é sempre impotente, fantasiada: uma imaginação desvairada pelos ciúmes, o ódio resultante da incapacidade de vingança. No caso de Fonseca, as

próprias ações das personagens são brutais”, explica Alcir Pécora.

Em comum mesmo, está a importância que cada um tem na literatura brasileira. Surgidos no século XX, os escritores chegam ao século XXI ainda como matrizes para as novas gerações. Um modelo que, para Luís Augusto Fischer, ainda não foi superado pelos escritores que os sucederam. “Tomando por base a famosa antologia da *Granta*, publicada há poucos anos, com o que se considerou os melhores escritores sub-40, não houve renovação significativa nesta geração, e valeria fazer um exame do que havia aparecido antes, nas antologias de *Geração 90*, do Nelson de Oliveira, as quais, relembradas de longe, igualmente não parecem ter trazido novidade forte ao gênero, considerada a vasta e profícua produção contística iniciada pelos dois noventões mais Clarice Lispector.” ■

O VAMPIRO

Dalton Jérson Trevisan nasceu em 14 de junho de 1925, em Curitiba, cidade que é cenário para a sua vasta e premiada obra literária. Na juventude, escreveu e publicou sonetos na revista *Tingui*, mas logo migrou para a prosa. A revista circulou até 1943, ano em que Dalton é aprovado no vestibular de Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ele ainda trabalharia no jornal *Diário do Paraná*, como repórter policial e crítico de cinema. Nunca exerceu de fato a advocacia e, após sofrer um acidente na fábrica de louça e vidro da família, passou a se dedicar mais à literatura, escrevendo contos e novelas em cadernos de cordel, com edição limitada de 200 exemplares, que enviava gratuitamente para escritores e amigos. Em âmbito nacional, sua primeira aparição é com a revista *Joaquim*, que editou entre abril de 1946 e dezembro de 1948. A revista teve apenas 21 edições, suficientes para fazer muito barulho na cidade. Além de publicar modernistas, atacava escritores locais. São dessa época também seus dois famosos livros renegados – *Sonatas ao Luar* (1945) e *Sete anos de pastor* (1946). Duas décadas depois faria sua verdadeira estreia literária. A partir de 1959 começa sua trajetória de êxito. Com mais de 40 livros (sem incluir as coletâneas), Dalton ganhou os principais prêmios literários do país, como Jabuti e Portugal Telecom. Em 2012 recebeu o Prêmio Camões, maior horaria da literatura de língua portuguesa.

Reprodução



Luiz Vilela entrevista Dalton Trevisan no final da década de 60, em uma das raras vezes que o autor falou com a imprensa.

“Fonseca e Trevisan estão consolidados no cânone literário”

Divulgação



Deonísio da Silva é autor do romance *Avante, soldados: para trás* (1992) e de diversas coletâneas de contos. Desde os anos 1970 acompanha a produção de Fonseca.

O escritor Deonísio da Silva vem há décadas acompanhando a produção de Dalton Trevisan e Rubem Fonseca. Sobre o autor de *O Vampiro de Curitiba* escreveu um trabalho acadêmico, ainda nos anos 1970, quando era estudante de Letras. Rubem Fonseca também é caso antigo. Deonísio pesquisa a obra do autor desde 1972 e, em 1996, escreveu *Consagrado e proibido*, em que esmiúça a produção de Fonseca. Nesta entrevista, o também contista Deonísio da Silva fala sobre as semelhanças e diferenças das obras de Rubem Fonseca e Dalton Trevisan. Dois autores que, na sua opinião, mereceriam o Nobel de Literatura

LUÍZ REBINSKI

Dalton Trevisan e Rubem Fonseca completam 90 anos este ano (Fonseca já fez aniversário, Dalton faz em junho). Ambos com mais de meio século dedicado à escrita. Qual o lugar desses dois autores em nossa tradição literária?

Eles estão consolidados no cânone literário, ainda em vida, o que é raro entre escritores. Filiam-se ao lado de outros grandes, como Machado, Adeline Magalhães, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Benito Barreto. Todos os citados mereceram ou merecem o Prêmio Nobel. Não ganharam porque o português é a um só tempo “esplendor e sepultura” e um dialeto na Galáxia Gutenberg. Mas Tolstói, Proust, Kafka, Joyce, Ibsen e Borges também não ganharam. Melhor ficar na companhia destes! Rubem Fonseca, aliás, incluiu o conto “Onze de maio” no livro *O Cobrador* (1979), em que dá umas dicas sutis do que achava ao ter passado dos 50 anos. Como sempre digo a ele, é o escritor brasileiro mais entrevistado do mundo. Por si mesmo, em seus livros.

Você tem um trabalho acadêmico sobre Dalton Trevisan, escrito ainda nos anos 1970. Em que aspecto da obra de Dalton Trevisan seu trabalho se atém?

Rapaz, tudo o que você faz, se faz no Paraná, é mais difícil de fazer. O estado é um sino de lata. Não é só o caso de Dalton Trevisan, que faz uma das melhores literaturas do mundo. É uma plêiade de nomes de valor extraordinário, que enfrentam barreiras que não existem em outros lugares. O Estado sofre de uma indiferença literária inusitada. Dalton inovou muito nas artes e nas técnicas de suas narrativas curtas. Inspirado em modernos como Tchekhov, caracterizado por uma narração concisa sobre o desentendimento entre homens e mulheres, quase sempre triturrados por pesadas engrenagens sociais e psicológicas, ele seguiu em *O Vampiro de Curitiba* uma referência solar da literatura universal, que sempre se fixa num tema, num personagem e numa localidade. De uma obra literária de qualidade, você lembra os personagens referenciais. Meu trabalho chamou-se

“O vampiro de Curitiba: articulação de um modelo” e foi publicado ainda na década de 1970, quando eu era aluno de Letras, num livro chamado *A ferramenta do escritor*. Não o reeditei mais porque o que presta ali são apenas dois pequenos ensaios: este e outro sobre a violência e o erotismo nos contos de Rubem Fonseca.

No seu livro sobre Rubem Fonseca (*Proibido e consagrado*), grande parte da narrativa mostra como a literatura do escritor foi lida (e produzida) nos anos em que o país vivia uma ditadura militar, inclusive relatando o caso da proibição de *Feliz ano novo* pelos censores. No entanto, há na biografia do escritor, uma passagem dele pelo IPES, um instituto anti-marxista financiado pelo governo. A partir disso, muitas pessoas passaram a rotulá-lo como um escritor que, de alguma forma, endossou a ditadura. Esses fatos têm alguma relevância na obra do escritor?

Nenhuma relevância para a obra. Mas toda calúnia tem efeitos

devastadores sobre a pessoa. A calúnia não foi do autor do livro, o cientista político uruguaio René Armand Dreifuss, que, aliás, nada entendia de literatura, nem este era seu propósito. Foi de quem resenhou e repercutiu seu trabalho. Leram mal uma pequena nota sem importância e deduziram que implicava Rubem Fonseca e Nélida Piñon no IPES. E ninguém faz a pergunta que não quis calar: foi crime escrever contra um governo e não foi crime pegar em armas contra outro? E no IPES estavam também escritores como Rachel de Queiroz, Fernando Sabino e Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, entre outros. E deles nada se disse. Por que elegeram Rubem Fonseca de alvo? Não se pode dividir as pessoas entre boas e más. Rubem era diretor da Light. A ditadura comprou a Light para poder demitir seu diretor, que era um dos autores mais proibidos do período pós-64 e que levava aos tribunais censores como o ministro da Justiça, Armando Falcão, que assinara a proibição de *Feliz Ano Novo*, que só veio a ser liberado

ENTREVISTA | DEONÍSIO DA SILVA

em 1989! E por 2 a 1, em grau de apelação no TRF do Rio. Um dos juízes queria mantê-lo proibido.

Rubem Fonseca é conhecido por ser um cinéfilo. Em seu livro, *Proibido e consagrado*, ao citar o romance *A grande arte*, você fala que há uma grande influência de recursos cinematográficos na narrativa. Em que sentido a literatura do autor é cinematográfica?

O cinema de qualidade usa poucas palavras. Precisa dizer com imagens e personagens cujas ações (muitas) e falas (poucas) desenvolvam as tramas do roteiro em locações vinculadas ao tema que se quer desenvolver e narrar. Rubem faz isso logo na abertura de suas narrativas. Ele agarra o leitor com cenas avassaladoras. A troca rápida de cenários, os cortes, as elipses, os personagens devidamente tipificados, os heróis problemáticos, os vilões mais repugnantes e as mulheres mais encantadoras, todos estes recursos do cinema estão na literatura que ele faz.

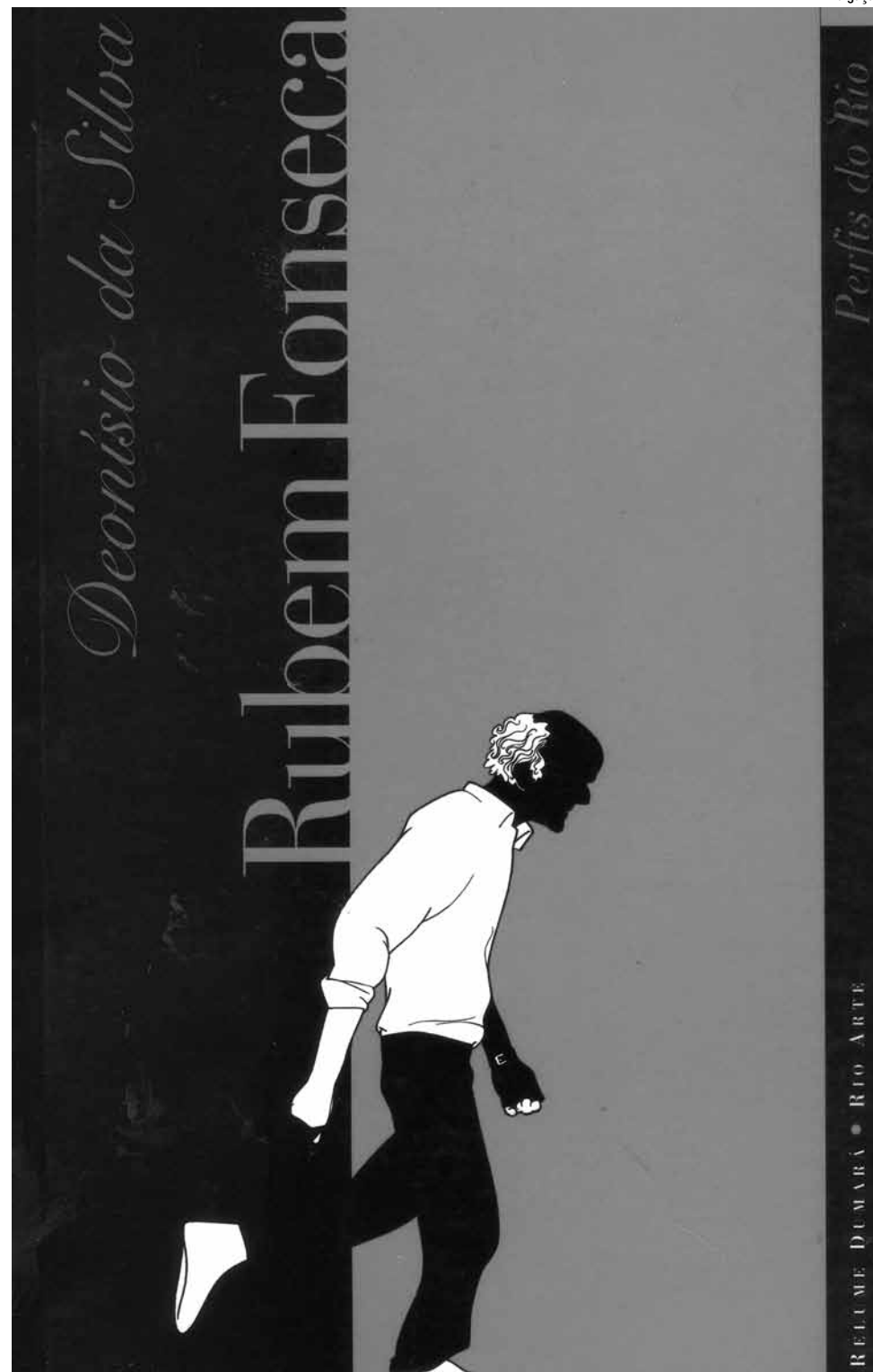
Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, apesar de incursões pontuais no romance, estabeleceram suas carreiras no conto, um gênero que já gozou de grande prestígio, mas há algumas décadas vem sendo preterido pelas narrativas longas. Ou seja, em um país que lê pouquíssima ficção, dois dos maiores escritores brasileiros optaram pelo gênero menos vendido. Como vê esse aparente paradoxo?

Autor bom não tem que se preocupar com venda, com resenha, com convite para eventos, com compras no atacado, feitas pelos governos, com nada disso. Mesmo que não haja público para

um gênero, havendo um bom produto na praça, haverá interessados. A qualidade pode demorar a predominar, mas prevalecerá sempre. Olhemos para trás. O Conde de Afonso Celso vendeu 200 mil exemplares de *Por que me ufano do meu país*, em 1900. Machado de Assis vendia algo em torno de mil exemplares de cada livro seu na mesma época. Quem ficou na literatura brasileira? Quanto venderam os livros de Cruz e Sousa, Amando Fontes e Graciliano Ramos? Isso não tem importância. Vejo com um misto de tristeza e piedade esses escritores que dão excessivo valor ao mercado e à mídia, almejando que suas obras sejam compradas pelos governos e buscando uma atenção que não deve ser tarefa do escritor. Os que fazem isso, fazem por desespero, por busca de um reconhecimento que não têm, que só o têm efêmero, porque serão suas obras que vão ou não vão sustentar isso.

Desde o início da carreira, Dalton Trevisan persegue um padrão estilístico baseado em uma linguagem enxuta, onde o mínimo é dito para contar uma história. Houve, em sua opinião, alguma mudança mais brusca na literatura do escritor, seja na forma ou no conteúdo, de *Novelas nada exemplares* até o mais recente *O beijo na nuca*?

Sim, mudanças houve, mas não foram bruscas, não. Do primeiro livro ao mais recente, o que se vê é um caminho lento, firme e constante em direção, não a uma narrativa mais curta apenas, mas no rumo de algo menor, com frases ou orações muito curtas e que dizem muito, semelhando o haicai, palavra que em japonês quer dizer “brincadeira



Em *Rubem Fonseca – Proibido e consagrado* (1996), Deonísio analisa diversos aspectos da obra do autor de *O cobrador*.

organizada”, de que são exemplos: “Maria, como é que você dobrou o João, esse flagelo das mulheres? Não dobrei o João – eu dobrei os joelhos.” E esta: “O amor é uma corruíra no jardim. De repente ela canta e muda toda a paisagem.” E ainda: “Melhora muito o convívio de Sócrates e Xantipa assim que um deles bebe cicuta.”

Grosso modo, em uma comparação, Rubem Fonseca seria um escritor influenciado pela tradição literária norte-americana/ inglesa, enquanto a literatura de Dalton Trevisan tem suas bases na prosa clássica, dos mestres da ficção mundial (Machado, Maupassant, etc.). Consegue identificar a gênese das duas literaturas?

Sim, é isto mesmo. Dalton bebeu mais nos clássicos europeus das narrativas. Ele começou por Cervantes, que é prolixo no *Dom Quixote*, mas enxuto nas *Novelas exemplares*. Prosseguiu com Maupassant, em Machado de Assis, que repassa a Dalton influências inglesas, depois tomou o rumo dos contos de Tchekhov, de Isaac Bâbel, que são de uma concisão extraordinária. Pois ele conseguiu ser ainda mais breve. Rubem Fonseca sempre mostrou influência de outras fontes, como os russos Dostoiévski e Tolstói, os americanos Raymond Chandler e Dashiell Hammett. E do cinema. Ele viu muitos filmes quando bebê no colo da babá, em Juiz de Fora, que ia muito ao cinema com o bebê, quando seu pai, tendo falido no Rio, foi morar em Minas. É por isso que Rubem nasceu lá. Seu pai tinha um estabelecimento comercial no Rio cuja propaganda dizia que ali se vendia de tudo, de um alfinete a um automóvel. Além do

cinema e das obras policiais, dá para identificar também vestígios de Kurt Vonnegut Jr, de Philip Roth, de John Updike, de William Faulkner, de poemas de Dylan Thomas e do judeu-polonês Czeslaw Milosz, de quem Rubem recita com frequência estes versos: “Não quero ser um deus ou um herói, apenas tornar-me uma árvore, crescer um longo tempo, e não ferir ninguém”.

Há um axioma que diz que “com bons sentimentos se faz a pior literatura”. Dalton Trevisan tem seguido à risca (em direção contrária, é claro) o alerta, já que sua prosa é feita, basicamente, de maus sentimentos?

Dalton e Rubem são seres líricos, sujeitos dulcíssimos, pessoas de prosa encantadora à beira de copos e pratos. Não apenas nos livros que publicam. A literatura de Dalton, por exemplo, tem momentos muito doces, como o da corruíra, que citei há pouco. Mas eu vejo a literatura alheia, a minha e a vida de outro modo. Pode-se fazer tudo na vida, inclusive má literatura, com maus ou bons sentimentos. O mau sentimento leva ao ressentimento, um veneno que os ressentidos tomam pensando em fazer mal aos que os detestam ou são por eles detestados. Mas o veneno prejudica apenas a quem o bebe, como diz Shakespeare ou o anão José Zakkai, não sei...(risos). O bom sentimento leva-nos a sofrer menos. Sofreremos apenas quando o sofrimento vier. Não é preciso degustá-lo antes, nem desejá-lo, ao contrário das alegrias, que podem ser saboreadas antes, durante e depois, pois lembrar as coisas boas também nos fazem bem.

A violência é outro traço marcante na obra do escritor curitibano. Assim como é um elemento forte na prosa de Rubem Fonseca. Como vê esse tema na obra dos dois escritores?

Dalton, no varejo. Rubem, no atacado. Dalton põe cenas de violência num microscópio. Rubem, num telescópio. O primeiro vê os efeitos terríveis da violência horizontal, de que são exemplos as brigas de casais de uma mesma classe social, evidentemente. Mas Rubem, não. Rubem mostra uma violência ainda maior, que até despreza a visão microscópica, olhando os conflitos por um telescópio, mirando a luta de classes. São duas formas de tratar o mesmo tema, cada um a seu modo. No conto-título de “Feliz Ano Novo”, despossuídos assaltam um *réveillon* para buscar a riqueza onde ela está! É uma expropriação à mão armada. Eles fazem individualmente o que as revoluções também fazem, só que coletivamente, ou em nome da coletividade.

Você é amigo de Rubem Fonseca. Alguma vez já falou com ele sobre a literatura de Dalton Trevisan? Sabe o que ele pensa da obra do colega?

Já. Ele sempre falou bem da literatura do Dalton. Rubem é muito engraçado ao falar de escritores. Eu adoro ouvir uma historinha que ele conta de um encontro entre ele, Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa. Os três são mineiros (Sim, gato que nasce no forno não é biscoito, pois o carioca Fonseca nasceu em Juiz de Fora). Ele diz que o que mais lembra são os comentários de Drummond e Rosa sobre uma cerveja chamada Ouro Branco que eles estavam tomando. Ninguém falou de literatura naquele encontro. Só de cerveja. ■

PRATELEIRA

Escritores indicam livros de Rubem Fonseca e Dalton Trevisan

A grande arte (1983)

De olhos fechados, eu poderia escolher na minha estante “Os prisioneiros”, “A coleira do cão”, “Lúcia McCartney” ou “Feliz ano novo”. Alguns dos melhores contos escritos no Brasil no século 20 estão ali. Mas, só pra contrariar, escolho um romance: “A grande arte”. Com este livro publicado em 1983, Rubem Fonseca instaura o romance policial no país. Só que em forma de paródia. Para tanto, Fonseca se utiliza de procedimentos clássicos – o advogado Mandrake é o detetive maníaco, um vídeo-cassete é o MacGuffin, o Rio é San Francisco. E modernos: a literatura noir da violência, do capitalismo criminoso e da corrupção como elemento de denúncia social. De quebra, faz com que o leitor se sinta um homem culto enquanto se diverte.

Álvaro Costa e Silva, o Marechal, nasceu e vive no Rio de Janeiro (RJ). É jornalista desde 1988. Trabalhou nos jornais *O Globo*, *Última Hora*, *Jornal do Brasil*, e nas revistas *Manchete* e *Ele & Ela*. Foi editor do suplemento literário *Ideias & Livros*, do *Jornal do Brasil*, de 2004 a 2010. Atualmente, colabora com a *Ilustríssima*, do jornal *Folha de S.Paulo*.



O vampiro de Curitiba (1965)

Ainda que citem de maneira incompleta e errada as palavras de Terenciano, o que ficou foi habent sua fata libelli, que posso traduzir como cada livro tem seu destino, e só com muita imaginação podemos escapar de seu caráter redundante e circular. Com *O Vampiro de Curitiba*, seu destino foi alcançar uma notoriedade instantânea, revelando à cena brasileira um autor que dizia algo novo, e de maneira nova. Mesmo que Dalton Trevisan já tivesse bons antecedentes literários, o fato é que *O vampiro* foi uma revelação, que gerou dezenas de epígonos, mas nenhum com seu brilho e sua novidade.

Luiz Antonio de Assis Brasil é romancista, autor de 19 livros, entre eles *Cães da província*. Também é professor da PUC-RS, onde há 30 anos coordena a Oficina de Criação Literária.



O beijo na nuca (2014)

Fiquei surpreendida com o último livro de Dalton Trevisan – *O beijo na nuca* (2015) –, porque Curitiba, o cenário mítico feito de repetições e taras de seus livros anteriores, só aparece de relance. Os contos se passam fora do espaço chancelado em sua obra. Os minicontos, as grandes elipses são substituídos por contos mais longos, sem cortes abruptos e muitos trazem uma tonalidade lírica. Seria o livro resultado de uma viagem? Realizada ou imaginada? Se deslocamento físico houve, a Europa apresentada não tem a ver com seus celebrados cartões postais. Ela é, antes, Curitiba travestida. No conto “Munique”, o narrador informa: “... de Munique só me lembro de Maria”. O que o escritor registra em Viena, tem o enquadramento de Curitiba: “As folhas vermelhas do outono cobrem a calçada. Leve garoa cai sobre pardais tiritantes e cães vadios. O fotógrafo diante da roda enfia a cabeça sob o capuz negro: êpa! Que fim levou o terceiro homem?” Tudo somado, há um deslocamento: o lobo do mar em terra firme, outras paragens em Curitiba, Curitiba em todas as paragens e o ponto de chegada é a morte, no último conto.

Berta Waldman formou-se em letras na Universidade de São Paulo (USP) e foi professora de literatura brasileira e teoria literária na Unicamp. Acaba de lançar *Ensaio sobre a obra de Dalton Trevisan*, livro que reúne textos escritos ao longo de 30 anos.



O cobrador (1979)

O cobrador foi o primeiro livro de Rubem Fonseca que eu li. Livros anteriores do autor, como *O caso Morel* e *Feliz ano novo*, tinham ficado fechados na estante da casa da minha mãe, sem que eu me interessasse por eles. Eram livros de adulto. *O cobrador* coincidiu com a minha entrada na maioridade. As pessoas falavam de uma leitura política, de segundo grau, sobre fundo de ditadura militar, mas eu ria lendo *O cobrador*. Comecei a rir com aquele mote que o narrador repete (“Estão me devendo”) antes de sair atirando. O ódio do cobrador tinha a ver com a minha adolescência. Mais que social, ele era um personagem infantil e literário, cujo ódio difuso me lembrava alguma coisa que eu também queria fazer sem saber bem o que era.

Bernardo Carvalho é escritor. Autor dos livros de contos *Aberração* (1993) e dos romances *Nove noites* (2002), *Mongólia* (2003) e *Reprodução* (2013).



Duzentos Ladrões (2008)



Reúne 69 contos com frescor de xixi de virgem e revelam que o Vampiro continua a escrever com tesouras de ferro e canetas pontiagudas afiadas no asfalto selvagem de Curitiba. No conto que empresta título ao volume, um ex-viciado em crack fornece droga na prisão, mas acaba sendo preso lá mesmo onde é currado por duzentos ladrões. Escrito em forma de poema sem nenhuma pontuação, o conto traz a marca do estilo inimitável do Vampiro que, desde o primeiro livro, se mantém insubmisso aos beletrismos. Pederastas, cafetões, roqueiras velhas, viúvas felizes, últimas virgens, hienas papudadas, os Joões e Marias de sempre são os personagens principais deste livro, onde o amor é “uma mula sem cabeça que ronda a tua porta e te chama pelo nome”.

Douglas Diegues é escritor, editor e estudioso das poéticas dos povos nativos da fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina. Escreve e pensa em sua própria língua, o portunhol selvagem. Autor, entre outros, de *Dá gosto andar desnuda por estas selvas* (2003) e *Uma flor* (2005).

A Guerra conjugal (1969)

Sou um devoto do Dalton Trevisan: o escritor vivo mais importante da língua portuguesa. Gosto de quase tudo dele, mas acho *Guerra conjugal* de 1969 um livro perfeito. Trinta contos: todos os personagens são João e Maria. Todos banhados com o humor ácido e a ironia que fizeram de Dalton um mito. Sua linguagem concisa e popular fez dos dramas desses casais uma alegoria da incomunicabilidade e da crueldade, sempre com a navalha afiada do contista ímpar. O livro inspirou famoso filme homônimo dirigido em 1976 por Joaquim Pedro de Andrade.

Carlos Henrique Schroeder é autor, entre outros, de *As certezas e as palavras*, vencedor do Prêmio Clarice Lispector de contos em 2010, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. Também é idealizador do Festival Nacional do Conto, que acontece em Santa Catarina.



Conto não vende?

Em comparação com *best-sellers* internacionais, livros de contos vendem relativamente pouco, apesar de haver interesse do público pela produção de contistas, ainda mais num país em que Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e Sérgio Sant'Anna, entre outros, publicam com regularidade

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Em 2014, o Grupo Livrarias Curitiba vendeu 5,4 milhões de livros, dos quais 37.800 são obras de narrativas breves — o que representa 0,7% da saída de produtos. Pouco? Comparado com outros gêneros, sim. Romances, por exemplo, atingiram 18%, ou 972 mil unidades, das vendas da empresa curitibana que tem 24 lojas espalhadas no Paraná, Santa Catarina e São Paulo.

Já nas 18 unidades da Livraria Cultura, livros de contos e crônicas foram responsáveis por 27% das vendas nos últimos 24 meses. Mas, de acordo com o coordenador de edições especiais e exclusivas da empresa, Ricardo Schil, entre conto e crônica, o público se interessa mesmo por obras de cronistas, principalmente de Martha Medeiros, Gregório Duvivier, Luis Fernando Verissimo e Nelson Rodrigues.

“Infelizmente, conto não vende muito.” A afirmação do diretor comercial do Grupo Livrarias Curitiba,

Marcos Pedri, é uma máxima repetida por editores, escritores e livreiros. A pouca vendagem de livros de contos, analisa Pedri, tem relação com o trabalho realizado pela cadeia do livro para o segmento.

“Em geral, editoras priorizam livros de ficção, não ficção, autoajuda, infantojuvenil e negócios. Algumas dessas obras ganham um trabalho especial junto aos livreiros, aos grandes pontos de vendas, destaque nas vitrines, ações especiais com a imprensa, nas redes sociais e publicidade. O somatório dos esforços normalmente resulta em boas vendagens. Porém, como isso quase não acontece com os contos, eles vendem pouco”, diz.

Pedri observa que, atualmente, as editoras escolhem os livros para serem publicados pensando no público-alvo. “Veja o exemplo do segmento ficção voltado para meninas adolescentes, que gostam de histórias amorosas. É o caso do americano Nicholas Sparks.

Os livros dele caem como uma luva a esse público.” E, acrescenta Pedri, quando as obras de Sparks, e outros autores conhecidos, viram filmes, geralmente o sucesso de seus livros tende a ser ainda maior. “Existe uma somatória de esforços e conhecimentos para se publicar um livro e para que ele tenha boas vendas. Infelizmente, isso quase não acontece com os contos.”

Só para os raros

Após 32 anos na Livraria Cultura, incluindo diversas funções e a experiência como vendedor de livro, Ricardo Schil elaborou uma tese: “O leitor, em geral, tem preferência por narrativas longas”. O motivo, argumenta, diz respeito à ideia de custo-benefício. “Você passa mais tempo lendo um romance do que um livro de contos.” Mas, no entendimento de Schil, há ainda outras questões que tornam um romance mais atrativo do que uma coletânea de histórias curtas: “Diferentemente do conto, onde há um ou poucos personagens, na longa narrativa podem acontecer reviravoltas, aventuras e complexidades, o que tende a despertar a curiosidade e conquistar a atenção de quem lê.”

Editor na Editora 34, Cide Piquet analisa que o conto ocupa posição secundária na tradição da literatura, ainda mais se o parâmetro é o romance. “Basta conferir as listas de melhores livros. Os cem principais títulos de qualquer relação, em média, são épicos, romances. E sabe por quê? O romance permite que o autor trabalhe um tema com mais profundidade do que num conto. Muita gente

afirma que um romance, e não um livro de contos, marcou e foi fundamental em sua vida”, afirma.

No entanto, Piquet reconhece que alguns autores conseguiram entrar para a história da literatura escrevendo contos: o russo Anton Tchekhov, os norte-americanos Ernest Hemingway e Raymond Carver e os argentinos Jorge Luis Borges e Julio Cortázar (nascido em uma embaixada da Argentina na Bélgica) são exemplos de contistas com ressonância em âmbito universal. “Alguns dos melhores momentos da literatura brasileira passam pelos contos de Machado de Assis e Guimarães Rosa”, acrescenta.

Sem mencionar dados, Piquet diz que livros de contos publicados pela Editora 34 vendem bem. *Absolutamente nada e outras histórias*, de Robert Walser, *Memórias de um caçador*, de Ivan Turguêniev e *Nova antologia do conto russo*, organizada por Bruno Barreto Gomide, estão entre os títulos da empresa com boa aceitação entre o público.

O bom conto vende

Já o editor da L&PM, Ivan Piniheiro Machado, tem outro entendimento. Para ele, “O bom poema vende, o bom romance vende, o bom conto vende. As coisas não são rígidas assim.” A arte do conto, enfatiza, é muito difícil: “São poucos os contistas capazes de emocionar e prender o leitor numa história curta. Há que ter muito talento, pois o conto tem que ter começo, meio e fim. E um bom final. Sergio Faraco, que conheço melhor, escrevia um conto durante meses,

Kraw Penas



reescrevia 30 vezes e geralmente entregava uma obra-prima. Mas isso é para muito poucos.”

O editor-executivo da Record, Carlos Andreazza, concorda com o ponto de vista de Ivan Pinheiro Machado. “Conto vende, claro que vende. Ou grandes editoras como a Record não publicariam contos. O mesmo serve, sem ajustes, para poesia. Não fazemos caridade”, diz, informando que a Record publica 25 obras de literatura brasileira por ano, incluindo romance, conto e poesia — em 2014, a editora colocou em circulação quatro livros de contos de autores nacionais.

Andreazza diz que, antes de qualquer assunto, é preciso manter os pés no chão. “Não há mistério. Falo claramente com os meus autores.” A média da tiragem nacional, de um romance ou de um livro de contos, é de 3 mil exemplares. “Toda a operação editorial, inclusive o adiantamento pago ao escritor, é concebida e acordada para que, com cerca de 2 mil exemplares vendidos, o título se torne lucrativo para autor e editora”, conta. “Ninguém ficará rico com um livro de contos, mas isso não significa que não venda e que não resulte em lucros. Da mesma forma em relação ao romance nacional, cujas vendas — em média,

pouco maiores — estão longe de colocá-lo em outro nível.”

O editor-executivo da Record lamenta, não a suposta baixa vendagem dos livros de contos, mas outro fato: “O problema é que há editores que mentem, que inflam números, e que depois ficam reféns do deslocamento da realidade que criaram para si, cuja consequência mais grave é essa [outra realidade], segundo a qual literatura brasileira, notadamente conto, não vende. Ora, um título literário que esgote sua primeira edição, que venda mais de 3 mil exemplares, é uma obra de sucesso. Ponto final”, afirma Andreazza. ■

CARNICEIRO

Olhar fixo, saliva farta, garfos a postos. Era assim que Otávio seguia os gestos lentos do garçom de gravatinha, que escorregava uma fatia finíssima de picanha muito vermelha para dentro do seu prato. Eram onze e quarenta de uma manhã quente em Curitiba. Nas mesas ao lado, ninguém, ruído algum além de um televisor sintonizado nas notícias do dia — um latrocínio no Bom Retiro, um engavetamento na Visconde de Guaruapuava, duas explosões em caixas eletrônicas do HSBC.

Otávio quis chegar bem cedo para inaugurar o espeto da casa. Chuleta, cupim, linguicinha, picanha. Mal passadas, o boi gritando da cozinha. Acompanhamento nenhum. Era carne e só. Otávio comia sem pressa, às vezes espiava a TV enquanto aguardava mais um pedaço generoso deslizar para o fundo do prato, sem tirar a atenção da maminha na mostarda, da costela borboleta e do filé argentino. Afinal, aquelas garfadas eram as últimas. Seus molares não mais seriam convocados a triturar nervos e dilacerar carnes fibrosas. Aquele almoço era sua despedida do carnivorismo, prática que desempenhou com excelência e dedicação salutar ao longo de quase 40 anos.

A filha, a mãe, a esposa, o cardiologista e até o professor de ioga trataram de convencer Otávio que o coração, as artérias, a obesidade... Você sabe. Ele sabia, é claro. E agora estava disposto a abrir mão de tudo por um maço

de rúculas, um rabanete fatiado tão fino quanto aquela picanha.

Duas e meia da tarde. Otávio escreve no ar e o garçom de gravatinha vem ligeiro trazer a conta, acompanhada de uma bala de menta que ele deixa no prato — nunca foi lá muito fã de açúcar. Dá cárie, ele pensa.

Enquanto dirige, passa a língua entre o segundo e o terceiro molar superior direito. Alguma coisa ficou ali no meio, não tem jeito de sair. Esperando o semáforo esverdear, cavouca com a unha, tentando divisar algo pelo espelho retrovisor. Daria a vida por quarenta centímetros de fio dental.

Em casa, vai direto à gaveta do banheiro e fica ali em frente ao espelho uns bons vinte minutos, caçando fiapos de costela e fragmentos de picanha incrustados no espaço interproximal de dois molares. Depois, aquela escovada e um longo bochecho com flúor sabor fresh. 32 dentes livres de cárie e de carne. A essa altura, maminha, chuleta e filé argentino já estão bem longe dali, no estômago, recebendo jatos de suco gástrico potentes o suficiente para destruir tudo aquilo que seus dentes não conseguiram triturar. Tempo estimado para a digestão: seis horas e meia.

Quando o último resquício de picanha desce pela descarga, Otávio já conhece na intimidade os benefícios do espinafre e do broto de bambu. No almoço, agora é arroz, feijão — sem

paio nem costelinha —, batata, omelete e verduras em abundância. Para incentivar o ex-carnívoro, a esposa e a filha também aderem à dieta verde. Só a empregada que, vez por outra, ainda frita uns bifês na cozinha, castigando o infeliz com o perfume da gordura que sobe pela coifa.

O professor de ioga era todo elogios, chegando a ensinar uma nova série de asanas para ilustrar temas como flexibilidade, postura e respiração. Orgulhoso, o cardiologista comparou o nível de colesterol dos exames anteriores com o mais atual. A saúde de Otávio estava

mesmo impecável. Só uma coisa o incomodava: seus dentes.

O ritual escovação-fio-dental-bochecho não era mais suficiente para dar conta dos resíduos, que pareciam brotar dos molares feito raízes crescendo para os lados. Às vezes, Otávio levantava no meio da noite para passar o fio novamente. Uma, duas vezes. De manhã, os restos alimentares continuavam lá. E eram tão polpudos que, se os mastigasse, sentiria o gosto de uma picanha bem temperada com alho e sal grosso. Mas não: Otávio agora era vegetariano. O jeito era cuspir na pia tudo



o que o fino barbante mentolado lhe trazia das profundezas de sua boca.

Para um corretor imobiliário bem sucedido, ocultar os dentes não é tarefa das mais fáceis. Otávio fez de tudo para contornar o que seu chefe classificou como mau humor peremptório, mas o golpe foi fatal. O baixo índice de sorrisos apresentado no último mês lhe rendeu uma inesperada demissão por justa causa. Agora desempregado, Otávio passava os dias palitando os dentes, futucando a gengiva, laçando sua presa com uma já desgastada cordinha dental. A halitose prolongada afastou também a esposa que, achando aquilo demasiado repugnante, declarou que era o fim. Mas aquele era só o começo.

Quando a placa bacteriana converteu a dentição de Otávio em uma superfície escorregadia de puro limo e uma severa retração gengival evoluiu para periodontite, só lhe restou marcar uma consulta com urgência pelo plano de saúde.

Mas em trinta anos de odontologia, o dentista garantiu nunca ter visto nada parecido. Intrigado, não sossegou sem antes enfiar um instrumento pontudo entre o canino e o incisivo inferior esquerdo do paciente, tirando dali um cordel de carne com inacreditáveis dez centímetros de comprimento. Otávio nunca entendeu se o grito proferido pelo doutor era de asco ou de júbilo.

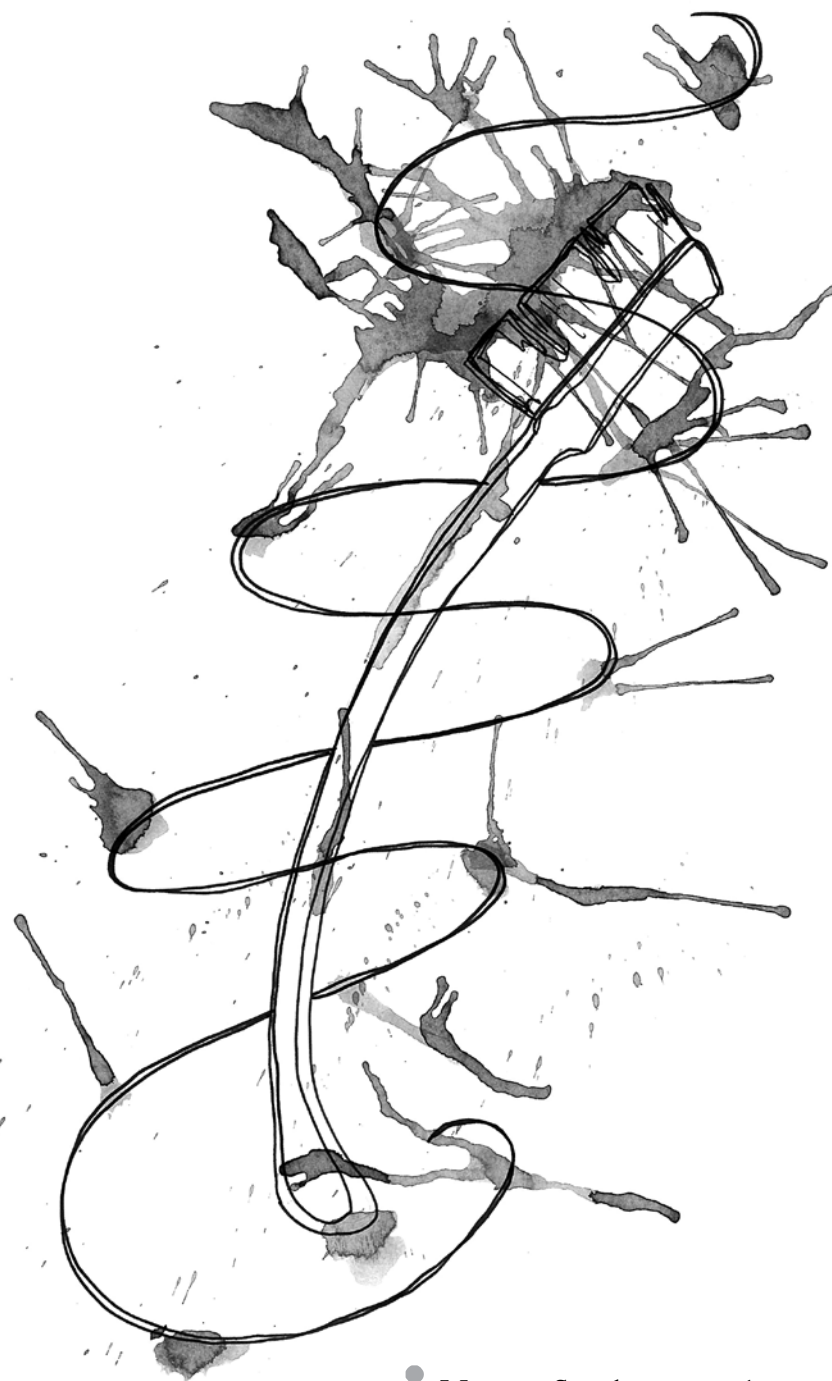
Ficou combinado que se encontrariam semanalmente, naquele mesmo horário. A cada consulta, cerca de


vinte e cinco gramas de carne eram retirados da cavidade bucal de Otávio, deixando escorrer um fio de sangue tão vermelho quanto um filé mal passado. Mas a limpeza durava cada vez menos. Nem bem deixava o consultório, a língua já sentia os fiapos despontando na mandíbula.

Com tanta carne ocupando sua boca, Otávio admitiu que o vegetarianismo não era mais necessário e ordenou à empregada que fritasse um bom bife acebolado. Com a gengiva palpitando de dor, porém, mal pôde dar cabo das cebolas. Passou dias à base de sopas, caldos e cremes. E nem por isso os fiapos carnosos lhe deram trégua.

Certa noite, ao despertar de um sonho agitado, Otávio correu até o espelho do banheiro e notou que o esmalte dos dentes tinha perdido o brilho. A gengiva, em carne viva, agora lembrava uma bisteca suculenta. Tentáculos finos e fibrosos se enroscavam, como que enredando molares, caninos e incisivos em um mesmo nó.

Primeiro, investiu contra a arcada inferior, penetrando tão profundamente que só se deteve ao atingir a raiz. Alucinado, partiu para a maxila e foi abrindo caminho no nervo, dilacerando polpa, cimento e ossos não mais com o fio dental cortante e mentolado, mas com o faqueiro de prata que foi presente de casamento. Pouco antes de desfalecer, Otávio logrou arrancar um a um os 32 dentes, gritando e perdendo muito sangue, feito gado no matadouro.■




 **Mariana Sanchez** é jornalista com especialização em tradução literária pela Universidade Gama Filho e em cinema pela Faculdade de Artes do Paraná. Idealizadora do programa de rádio *Orelha do Livro*, nasceu e vive em Curitiba.

CLIQUESES

EM CURITIBA





 **Marcelo Elias** é repórter fotográfico desde 1996. Trabalhou no jornal *Gazeta do Povo* e como freelancer para diversos veículos do país, entre eles *Folha de S. Paulo* e *Veja*. As fotos publicadas pelo **Cândido**, segundo o autor, surgiram das séries “Momento Instante” e “Da Minha Janela”, em que o fotógrafo se depara com a forma que o homem constrói seu cotidiano, muitas vezes de maneira insólita visto sobre uma ótica diferente.

MONUMENTO AO JOVEM MONOLITO

I
enquanto eu brincava de índio na praia
você se transformou em
uma maravilha tecnológica

máquina de bolinar máquinas

II
enquanto o homem de terno
dançava sobre o homem de crachá
que dançava sobre o homem de farda
que dançava sobre o homem de macacão
que cantava músicas para Jesus Cristo
eu estava na praia
brincando de índio

quando a polícia chegou

III
seu corpo relinchava
enquanto a internet forjava
o novo formato da sua coluna

meu amor

você se parece cada vez mais
com uma cadeira de escritório
talvez com rodinhas
você rodopie

você queria ser bailarina ou veterinária
eu queria ser índio ou astronauta

que bolsa bonita
comprei na Zara
adorei seu cabelo
estou fazendo terapia com cristais

enquanto eu brincava de índio na praia
você inventava a pólvora

IV
eu brincava de índio na praia
rezava para os elefantes
comungava com os pássaros
minha igreja era um chá de gosto ruim
ver um elefante
era coisa comum
como avistar um automóvel

minha vida era uma selva


até que a alegria foi considerada
uma forma de selvageria
análoga à barbárie
tipificada como terrorismo

eu brincava de terrorista na praia
quando os americanos chegaram

V
meu amor
seus seios se parecem cada vez mais
com uma tela sensível ao toque
enquanto eu bebia sangue na praia
você fazia exercícios aeróbicos
para salvar sua bunda
da morte certa
às vezes

tenho vontade de largar tudo
comprar um carrinho de coco
virar índio ou astronauta
você ainda está viva
e também pode largar tudo
para ser bailarina ou veterinária

precisamos guardar algum dinheiro
para pagar a faculdade das meninas
precisamos largar tudo
ontem nossa caçula viu elefantes
nas celas do zoológico

 **André Dahmer** é artista plástico, desenhista e poeta. Nasceu e vive no Rio de Janeiro. Publica diariamente seus quadrinhos nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. É autor dos livros *Malvados* (2005), *O livro negro de André Dahmer* (2007), e *Vida e obra de Terêncio Horto* (2014). Acaba de lançar, pela editora Lote 42, o livro de poemas *A coragem do primeiro pássaro*.

